

novas da galiza

número 18

Cidade da Cultura da Galiza: o mausoléu como negócio

► Sucesso da greve pola galeguizaçom do ensino

► Mais de 19.000 assinaturas levam NÓS-UP às europeias

► Reintegracionismo começa a agir unido

► Sindicatos acudírom desunidos ao 1º de Maio

► Nunca Mais convoca Fórum da Verdade como comissom de investigaçom própria

► Incumprimento dos acordos fai retornar a greve a Castromil

Barragem do rio Narla: Mais umha insensatez de umha política energética e ambiental interesseira

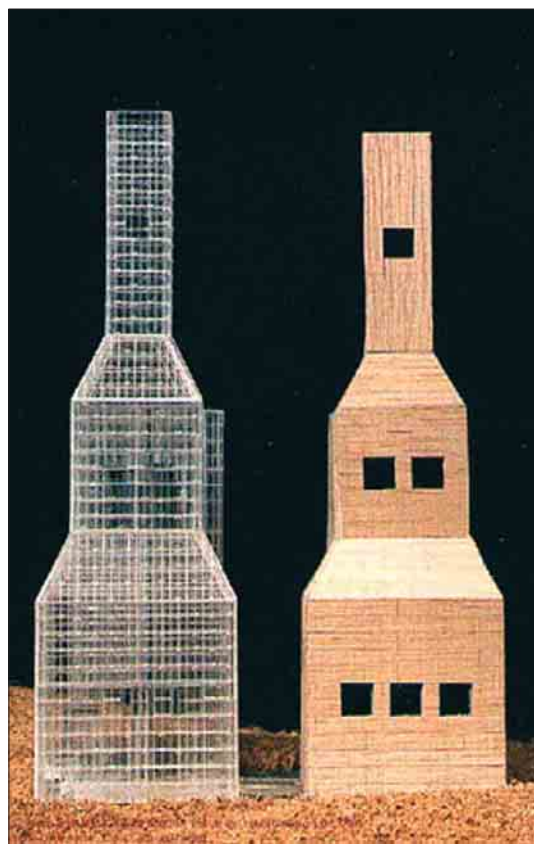
Adela Figueroa Panisse

José Manuel Lopes

Na Galiza do betom, do "feísmo", das auto-estradas e do AVE, umha obra muito particular tem elevado umha ruidosa polémica acima de todo o resto. Prestes a se consumir sobre a desfeita do que tinha sido um dos emblemáticos montes que rodeiam Compostela e um dos últimos espaços agrários da capital galega, a chamada Cidade da Cultura irrompeu como a brilhante proposta de "fim de carreira" que Manuel Fraga desenhou no seu pôr-do-sol político e biológico. Tratava-se de deixar umha profunda pegada, de calar com os factos toda a oposiçom -a institucional até- e, sobretudo, de fechar velhas e sólidas alianças: poderosos grupos financeiros e empresariais aparecem já perfeitamente nítidos como actores na primeira fileira de umha obra que há de consumir um projecto que consagra a ostentação e o luxo, a vontade de espectáculo e o regionalismo cultural. A maciça oposiçom da sociedade galega nom evitou, porém, que o protesto activo fosse protagonizado só por pequenos sectores e que a voz da vizinhança afectada nom superasse a censura mediática.

A primeira notícia que se tivo de um projecto de concentraçom de serviços culturais, por empregarmos a terminologia oficial, data de finais do ano 1997. Na altura,

um Fraga ainda duramente abalado por um processo eleitoral que confirmara o vertiginoso avanço nacionalista, dedicou o seu discurso de investidura no parlamento autonómico a avançar, sem dados mais precisos, a ideia de um futuro espaço para a cultura que havia de pasmar próprios e estranhos. A partir de entom, a combinaçom da ideia de grandeza (física e orçamentária, e nom propriamente cultural) de que tanto gosta o PP galego com um procedimento opaco e obscurantista acompanhou todo o processo. A oposiçom parlamentar nom obteve por parte da presidência informaçom de primeira mao, limitando-se a acumulá-la por conta própria e a aguardar notícias mais concretas. A vizinhança do bairro do Viso, umha das zonas urbanas onde a idiosincrasia rural é ainda notável, tampouco conhecia ao pormenor o que ia acontecer com essa parte de um terreno de mais de 70 000 m² que lhe pertencia e era utilizada como fonte de sustento. Os agentes culturais galegos, na suas variadas manifestaçoms, tampouco fõrom convocados a qualquer reuniom informativa sobre um espaço, dizia-se, em que haviam de ser os verdadeiros protagonistas. E nom lhe faltavam ideias e sugestons ao que de certeza é um dos sectores mais vivos e críticos da nossa sociedade: o "Fórum da Cultura



Galega", que se tinha reunido em Agosto de 2000, alertava contra o trauma da cultura-espectáculo e contra a tentaçom de conceber

só o uso turístico do património através da utilizaçom de grandes contentores culturais sem conteúdos definidos.

Manobras para a sucessom de Fraga



M. Salgueiro

O último encerramento dos Conselheiros da Junta da Galiza com Manuel Fraga tivo como notícia mais transcendente a comunicaçom do Presidente da Junta ao seu governo de que nom se apresentará às próximas eleiçoms autonómicas. Este anúncio leva implícito o compromisso do PP de nom falar desta questom até depois do dia 13 de Junho, data das eleiçoms europeias. Manuel Fraga também encarregou a dirigentes do PP e aos seus conselheiros que elaborassem

relatórios com os nomes do seu sucessor. Ainda, o presidente da Junta e presidente do PP na Galiza anunciou que criaria duas vice-presidências. Umha delas seria, segundo fontes do próprio partido, para José Cuinha Crespo, a fim de devolvê-lo à actividade política. Os dirigentes populares em Ourense e Lugo propugêrom Cuinha também para a sucessom de Manuel Fraga. Boa parte do partido em Ponte Vedra atreveu-se a manifestar que "José Cuinha já pagou a sua dívida, soubo estar calado e os silêncios e a lealdade em política pagam-se".

segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Media S.L.

Director: Ramom Gonçalves.

Redacção: Carlos B.G., Marta Salgueiro, J.Manuel Lopes, Antón Álvarez, Ivám García, Alonso Vidal.

Correspondentes: *Compostela,* Beatriz Peres / *Vigo,* Xiana Gonzalez / *Lugo,* Joám Bagaria / *Ourense,* Tiago Peres / *Paris,* J. Irazola / *Madrid,* José R. Rodriguez

Colaborações: Maurício Castro, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Xesus Serrano, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel Garcia, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1.

Publicidade: 639 146 523

Imagem Corporativa: Paulo Rico.

Desenho gráfico e maquetación: Miguel Garcia e Carlos Barros.

Correcção lingüística: Eduardo Sanches Maragoto

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos Correios 1069
27080 Lugo - Galiza
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opiniões expressas nos artigos non representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de livre reprodución respectando a ortografía e citando procedencia. É prohibido outro tipo de reprodución sem autorización expressa do grupo editor.

Fecho de Edición: 15.05.04

Barragem do rio Narla: Mais umha insensatez de umha política energética e ambiental interesseira

Por *Adela Figueroa Panisse*, Catedrática de Biología/Geología, E.S. Lucus Augusti de Lugo / Activista de ADEGA e Nunca Mais Lugo

Quando se trata de interferir no entorno com açõs que podam causar danos irreversíveis no mesmo, devia fazer-se umha valoración dos beneficios da actuaçom, que compensassem os prejuízos provocados. Sabemos que isto nom se fai assim nesta terra de caciques. Antes som valoram os beneficios particulares de quem tem capacidade para conceder as licenças das obras e de interferir no entorno. As obras de infra-estrutura realizam-se, normalmente, da maneira menos onerosa possível para a empresa, sem se levarem em conta os danos ambientais. Estes danos também podem ser avaliados economicamente, mas na actualidade isto nom se está a fazer assim. Esta é umha velha reivindicaçom dos grupos ambientalistas e, em geral, de todos os que están preocupados polo futuro do nosso entorno. Ou seja, por todos os que lutam por um futuro, por um desenvolvimento sustentável.

No caso da barragem que está a ser projectada no Rio Narla, som vulnerados todos os principios deste desenvolvimento sustentável: as alteraçõs produzidas serán irreversíveis e os rendimentos escassos. Ajustificaçom para se fazer esta barragem é a de dar água à cidade de Lugo. É verdade que a populaçom luguesa se queixa há tempo de que a água que nesta cidade se consome nom tem bom sabor, e ainda há quem diga que nom é de boa qualidade. A qualidade das águas define-se polas suas características de salubridade e organolépticas (sabor). É suposto estarem as de salubridade garantidas pola Conselharia da Saúde.

Em Lugo existe umha Central Potabilizadora há ainda menos de 10 anos (desde 1996) que garante a potabilidade das águas canalizadas. A potabilizaçom, neste caso, é conseguida mediante um complexo tratamento fisico-químico em que se eliminam os restos de lodo do rio, e um tratamento final com cloro para eliminar os possíveis patógenos que eventualmente podam conter as águas. De facto, queixamo-nos de que a água da torneira cheira a cloro com frequência. A água contém este excedente em visom de umha possível contaminaçom posterior à saída da potabilizadora, a caminho dos reservatórios de Garabolos até às casas. Para eliminá-lo, basta deixarmo-lo evaporar umhas horas (mais ou menos seis horas). A quantidade de água nunca foi um problema em Lugo. Na própria potabilizadora dizem-nos, numha visita de estudo com os alunos e alunas da Escola Secundária, que nom se lembravam de terem tido problemas com o caudal.

O caudal ecológico: Define-se como o caudal mínimo que mantém a vida no rio, com ambiente aeróbio, e que permite a autodepuraçom das águas. Segundo as fontes já referidas este caudal nunca foi ultrapassado. A

potabilizaçom retira entre 400 e 600 por segundo. O caudal médio na estiaçom é de 7000 por segundo nos 12 Km de rio que vam da potabilizadora até à central depuradora de águas residuais.

Portanto, nom é um problema de quantidade nem de qualidade. A quantidade até agora sempre estivo garantida, e a qualidade é antes um tema do tratamento das águas.

Rio Narla

É um rio pequeno com um caudal que no Verao fica ainda mais reduzido. É um afluente do Minho águas acima da potabilizadora. Se se figer umha barragem no Narla, o Minho vai receber ainda menos água e menos oxigenaçom e a qualidade das suas águas virá a sofrer ainda mais do que hoje. O dinheiro necessário para depurar o Minho e controlar os despejos águas acima nom supera o custo da represa, e, sempre seria necessária esta actuaçom. A água do Narla, segundo nos informárom na Câmara Municipal de Lugo, tem menos qualidade que a do Minho, contendo, por exemplo, muito mais ferro.

Juntamos aqui as declaraçõs do vereador do ambiente do Câmara Municipal de Lugo Lino G. Dopeso: "nom é verdade que a água do Minho seja pior do que a do Narla". Segundo as análises de qualidade que tem o Pelouro do Ambiente a água de ambos os rios é do tipo A2 (o nível óptimo de qualidade é o A1). A água do Narla precisaria, da mesma maneira que a do Minho, de um tratamento fisico, químico e de um processo de desinfecçom. "Portanto, a justificaçom da qualidade da água para a construçom da represa nom tem fundamento".

E ainda, o caudal do Narla é mínimo se o compararmos com o caudal do Minho, e portanto a barragem poderá vir a encher muito devagar. Isto pode comprometer o seu conteúdo em oxigénio, e levar a umha possível eutrofizaçom das águas. Águas acima nom há centrais depuradoras de águas residuais, e neste rio desaguan os esgotos de Friol e várias exploraçõs agrícolas, com o qual nom há garantia de salubridade destas águas. Qual entom a motivaçom para fazer umha barragem que vai provocar umha mudançom irreversível mesmo nas Terras do Minho, reserva da Biosfera?

Aliás, nom esqueçamos que esta zona é assinalada como zona LIC (lugar de interesse comunitário) e é proposta para ser incluída na Rede Natura 2000. Os argumentos da Confederaçom Hidrográfica do Norte, a promotora desta barragem, som o da qualidade

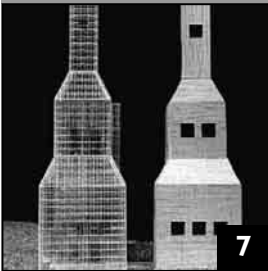
das águas, o da quantidade e o do risco de poluiçom acidental que poderiam vir a sofrer as águas do Minho perante umha cheia que inundasse a Central Potabilizadora, dado que está situada mesmo à beira do rio. Todos estes argumentos foram refutados acima, salvo o de perigo de inundaçom. Sabemos que este existe, mas entom: Porque é que foi construída ali nom há nem sequer 10 anos? Nom teria sido mais económico transferi-la para mais acima do que construir umha barragem de 38 m de altura com capacidade para 9,5 Hm³ e com umhas despesas de 33 545 126 euros?

Sabemos que esta barragem implicará também a construçom de umha minicentral eléctrica cuja exploraçom resultaria bem rentável às empresas do sector, já que os excedentes de electricidade tenhem que ser revertidos à rede e pagos pola empresa que tem a exclusiva do abastecimento (em Lugo, Barras Eléctricas Asturiano-leonesas). Isto implica um impacto ambiental acrescentado ao já indicado da própria barragem, pois implica movimentos de terra e acessos à minicentral. Já o Conselho de Contas da Galiza emitiu um parecer segundo o qual as minicentrales nom som nunca favoráveis do ponto de vista económico, só rentáveis para a empresa que as explora.

Estes trabalhos vam ser elaborados com orçamentos europeus, e assim, a empresa construtora teria um mínimo de despesas e um máximo de ganho. Nom se entende, porém, como é que um organismo oficial como a Confederaçom Hidrográfica do Norte, associada à Deputaçom de Lugo, que é a impulsionadora do projecto, apoia um empreendimento que ocasiona um dano ambiental irreversível, que aliás nom é necessário para os fins que se declararam. Parece que esta quer ter o domínio da água que fornecerá também Outeiro de Rei e Rábade.

Há pois negócio económico, para a empresa que redige o projecto e para a empresa que o executa (aproximadamente 60% do custo, muito dele pago com dinheiro europeu do plano FEDER). Também haverá negócio quanto ao aproveitamento eléctrico, e finalmente, negócio político e económico na Deputaçom de Lugo. Neste momento político em que os planos hidrográficos que tinha planeado o anterior partido no governo están a ser revistos, era bom lembrarmos ao PSOE da Galiza os seus compromissos com os votantes e votantes galegas. Nom há motivo para servirem unicamente as directrices centrais do seu partido espanhol.

sumário



A verdade sobre a Cidade da Cultura

Analizamos o que se encontra detrás do faraónico projecto no monte Gaiás de Compostela

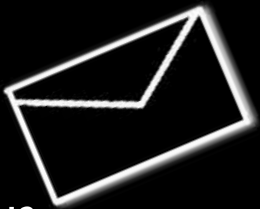
7

Quem sucederá Fraga Iribarne?

"José Cuinha já pagou a sua dívida, soubo estar calado e os silêncios e a lealdade em política pagam-se" dizem no PP de Lugo e Ourense



10



Estreamos secçom: O Pelourinho

NGZ também quer dar voz áqueles grupos ou individuos que desexjam compartir informaçom, opinions ou debates con todos os leitores e leitoras.

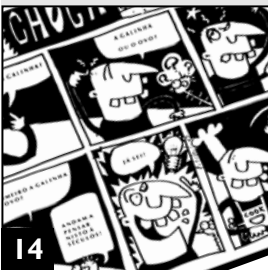
12

O galeguismo de dom Joaquim Lourenço

Marcos Valcárcel achega-nos á figura do Xocas, o etnógrafo ourensám a quem se dedica este Dia das Letras Galegas



13



Pontos de encontro: asociacionismo na BD galega

Germám Hermida aproxima-nos ao mundo da Banda Desenhada galega

14

editorial

Mausoléus, tumbas e cidades

A relação atormentada e desigual entre a cultura e o poder veu a ser um dos sinais identitários deste nosso século. O uso, por parte do poder, do âmbito cultural para exercer o controlo sobre o pensamento quase sempre estivo acompanhado por lufadas de populismo e foi característica sine qua non dos regimes totalitários. A Cidade da Cultura planificada por Manuel Fraga Iribarne é um claro exemplo de utilização perversa e interesseira da esfera cultural para uns fins económicos e políticos que nada tenham a ver com o altruísmo que deve rodear e limitar o espaço cultural. Obra faraónica, imposta e messiânica, construíam alheia à realidade das necessidades galegas, a Cidade da Cultura é o legado pessoal do governadorinho de Vilalva, da mesma maneira que há tempo herdamos o Vale dos Caídos ou o "Triunfo da Vontade". Oitenta mil milhões de pesetas investidos para umha operação económica em que serão nomeadamente os bancos e as empresas multinacionais a obterem umha boa talhada. E isto acontece ao mesmo tempo que das instâncias independentes da nossa cultura se fala da necessidade de impulsionar o mundo editorial galego, diversificar e aumentar os irrisórios subsídios ao teatro deste país ou impedir que a nossa língua desapareça nuns poucos anos. A

Cidade da Cultura nom virá a solucionar a endémica e lamentável situação do nosso âmbito cultural. Será a reserva indígena que sempre sonhou Fraga para a Galiza. Mas cultura nom é isso. Pavese teria dito com mais clareza ainda: "o humanismo nom é umha poltrona."

A Cidade da Cultura está planificada como um parque temático, mais um passo para a turistificação da Galiza, um zoológico cultural que nom reverterá em beneficio do conjunto da população galega, embora haja elementos culturais que nom vejam com maus olhos a sua construção. Decerto, nom é preciso dizer que, evidentemente, nem a oposição a este projecto, nem a vizinhança de Sar e Viso afectada polas expropriações se oponhem à cultura nas suas diversas manifestações. É cinismo visceral expor o problema nesses termos. O que está em causa é que o dinheiro dos galegos e galegas nom é para ser esbanjado nos projectos megalómanos de um Presidente da Junta que ainda há pouco tempo reprimia a fogo e sangue tudo o que cheirasse a cultura galega (mesmo tudo o que cheirasse a cultura) e que exerceu, como ministro da informação no franquismo, umha das censuras culturais mais férreas e obscuras da história europeia do século vinte.

Suso Sanmartin



notícias

A luita pola galeguizaçom continua com a irrupçom de piquetes em centros de Santiago e Ourense

Estudantado secunda maioritariamente greve pola galeguizaçom do ensino

Redaçom

A jornada de greve convocada na passada quarta-feira 28 de Abril contou com umha ampla adesom na maior parte dos centros de ensino secundário. Galiza Nova quantificou a participaçom estudantil em 85%, enquanto o conselheiro da Educaçom, Celso Currás, reduziu a percentagem a 15,41%. Segundo as estimativas dos colectivos convocadores, a greve paralisou, polo menos, a maioría dos centros de ensino e houvo manifestaçom em numerosas localidades. Entre as organizaçom que chamavam à mobilizaçom em defesa da galeguizaçom integral do ensino estavam os Comitês Abertos de Estudantes (CAE), Galiza Nova, A Mesa, Mocidade pola Normalizaçom, AMI e Agir. Galiza Nova valora "muito positivamente" a participaçom estudantil, apesar de nom se terem cumprido as expectativas nas grandes cidades. Do independentismo, AMI analisa a jornada destacando que o dia 28 de Abril "deve ficar como um referente para continuarmos a avançar na reivindicaçom e consecuçom de um sistema de ensino galego". A

organizaçom estudantil Agir também participou na greve, trabalhando em doze localidades.

O decreto 247/95 só delimita num terço o número de horas leccionadas em galego e é derivado da Lei de Normalizaçom. Segundo um relatório elaborado pola Mesa, 70% dos centros de ensino nom cumpriam o decreto no ano passado. Por sua vez, o secretário geral da Conselharía da Educaçom, Néstor Valcárcel, assegurou ter dados que situam o cumprimento da lei em 94,81% dos centros, e ironiza com o 5,19% restante, já que, indicou, "nom temos constância do que acontece exactamente nessa percentagem".

A Mesa assinala que "é evidente que o incumprimento da legislaçom é assim percebido polo estudantado, para além de ser confirmado por numerosos relatórios realizados por diferentes instituiçom e organismos."

Piquetes polo idioma

A AMI, que leva desde começos deste curso a trabalhar na denúncia do incumprimento do decreto 247/95 e na reivindicaçom dum ensino integralmente



em galego, continuou com actividades neste sentido depois do passado dia 28. Assim, no 11 de Maio, um piquete conformado por umha vintena de militantes independentistas irrompeu no IES Rosalia de Castro de Santiago, paralisando as aulas em espanhol e denunciando até nove professores que violam a normativa em matéria lingüística. Após umha reuniom com a

directiva do centro, a AMI criticou a negativa explícita desta a fazer cumprir o estipulado no decreto, e anunciou novas mobilizaçom. Apenas dous dias depois, no dia 13, umha iniciativa semelhante era levada a cabo no IES Blanco Amor de Ourense. Neste caso, o alunado do centro somou-se maciçamente ao piquete independentista, paralisando-se

completamente as aulas. Com bandeiras, bombos e pandeiretas, activistas e estudantes exigiram o cumprimento imediato dos mínimos fixados pola lei, assim como a plena galeguizaçom do ensino. O acto rematou com umha concentraçom de umhas 200 pessoas no pátio do centro, onde se deu leitura aos nomes do professorado riscado de "espanholista e delincente".

NÓS-UP supera barreira legal para concorrer às eleiçom europeias

■ Com a presença do independentismo, Galiza apresenta nesta ocasiom duas opçom nacionalistas

Redaçom

A organizaçom política independentista fizera público já no início de Abril a sua vontade de apresentar candidatura às eleiçom para o Parlamento Europeu que se celebrarão no vindouro mês de Junho. O destacável desta noticia nom é apenas o facto de ser a primeira vez que o independentismo galego decide concorrer a umha cita eleitoral de âmbito europeu, mas, sobretudo, a barreira legal que tinha a obrigaçom de ultrapassar para a candidatura alcançar validade legal. Com efeito, a legislaçom eleitoral vigente no Estado espanhol estabelece que todas as forças que desejarem

concorrer terã que apresentar a assinatura de cinqüenta cargos eleitos ou eleitas ou, no seu defeito, a de 15 000 cidadaos e cidadás. Devido a que NÓS-UP carece dos requisitos que marca essa primeira condiçom, viu-se na obrigaçom de desenvolver em apenas duas semanas umha intensa campanha de angariaçom de apoios que superou as expectativas mais optimistas. Graças a um esforço organizativo sem precedentes, NÓS-UP conseguiu juntar 19.638 assinaturas, e o independentismo estará nas eleiçom europeias, erigindo-se, por palavras da própria organizaçom política, "na única candidatura galega e de esquerda" (em referençia a que o naciona-

lismo maioritário vai coligado com a direita basca e catalá). Falta por ver qual é o rendimento eleitoral tirado dos escassos três anos de existência de NÓS-UP numhas eleiçom em que joga um papel de menor relevância o chamado "voto útil" e com um índice mais baixo de participaçom.

Por sua vez, o BNG decidiu fortalecer os laços que o unem com PNB e CiU desde há seis anos, quando assinãrom a Declaraçom de Barcelona. Ainda parcialmente envolvidos no debate que se seguiu aos pobres resultados das eleiçom espanholas, da direcçom da organizaçom nacionalista afirmou-se que o objectivo de tal aliança é "avançar no

reconhecimento da condiçom plurinacional do Estado espanhol" e levar à Europa a voz da Galiza, que estará presente sem intermediários, se mais umha vez for eleito o eurodeputado Camilo Nogueira. Anxo Quintana participou do debate sobre a política de alianças internacionais do BNG sustentando que "nom se trata de ver Galeusca como umha aliança entre certos partidos, mas umha aliança entre naçom". Numha linha especialmente dura com quem do interior da frente acusa o BNG de perder a cada vez mais o seu perfil nacionalista de esquerda, Francisco Rodríguez deslegitimou umha possível candidatura com ERC afirmando que "nom

se trata de ir de braço dado com as opçom políticas que contam com o beneplácito do PSOE", ou de se inserir numha plataforma em companhia de organizaçom regionalistas, em referençia à convergência que desenhou a formaçom de Carod-Rovira. Ainda no nível informal, som muitas as vezes que se ouvem no nacionalismo a mostrar o seu descontentamento com a assunçom da linha política mais dubitativa e difusa que publicamente encarna Anxo Quintana, e nom poucas as que sugerem a pertinência de dar o aval eleitoral à organizaçom independentista catalá como castigo ao que se entende como 'aggiornamento' progressivo.

Reintegracionismo começa a agir unido

As datas do 17 de Maio e o 10 de Junho sustentam esta esperançosa unidade de acção

A.V.

Parece que, por fim, o alvo da acção conjunta, sempre multiplicadora de efeitos, está a ser atingida aos poucos polos colectivos reintegracionistas do País. Após um magnífico Fórum da Língua, onde o MDL contou com a participação activa da prática totalidade dos colectivos lusistas em activo, o seguinte plano de acção conjunta apresenta-se-nos como um projecto esperançoso, inovador e vanguardista: a criação de umha temporada activa das letras, unindo simbolicamente as datas do 17 de Maio e do 10 de Junho (Dia de Camões), tornou-se num projecto aglutinante de esforços que visa perpetuar-se. E a ideia é tam simples quanto eficaz: este ano, os actos desenvolvidos por todos os colectivos culturais do âmbito reintegracionista vam ser anunciados e apresentados em conjunto, no mesmo cartaz, nas mesmas brochuras e com o mesmo lema. É verdade que isso nom significa que a organização de cada acto esteja a ser conjunta, mas o caminho percorrido nom permite voltar atrás, e já está a desembocar, em actos concretos,

na colaboração entre entidades que outrora se mostravam reticentes.

O programa é ambicioso, contemplando actos em Compostela, Condado, Corunha, Limia, Lugo, Ourense, Ponte Vedra e Vigo. As actividades propostas abrangem todo o tipo de manifestações lúdicas e reivindicativas, de recitais poéticos a cortejos normalizadores que percorrerán as nossas ruas para galeguizar os seus nomes. Nom faltará a música, o teatro, títeres, conferências, semana de cinema brasileiro, e a já tradicional Festa da Língua de Ponte Vedra, organizada polo MDL, apoiada pola Cámara Municipal, e que também contará este ano com um 'book crossing' na cidade.

Entre os colectivos implicados neste amplo programa coordenado están associações culturais como O Facho, Alto Minho, Galeguiza, Gentalha do Pichel, Revolta, Reviravolta, Auriense, Rádio Kalimero -Casa Autentada-, Juventude pola Autodeterminação e a Associação Reintegracionista Ene Agá, para além dos promotores iniciais da ideia, AGAL e MDL. Para mais informações

sobre actos concretos podem visitar-se as seguintes páginas web: www.mdl-galiza.org ou www.agal-gz.org ou ainda ligar para o telemóvel permanente do MDL (609 309 780).

Jornadas da Língua de Compostela, mais e melhor

Por outra lado, o MDL, Oureol e Rádio Kalimero, conseguiram

oferecer em Compostela um magnífico programa de actos nas suas VI Jornadas da Língua. Cinema, exposições fotográficas, documentários e palestras para reflectir sobre temas de actualidade, como a situação de marginalidade das favelas do Brasil, a situação ambiental na Galiza, as eivas da sociedade moderna, a educação no País

Basco e os caminhos para o monolingüismo... Tudo acompanhado de umha "Noite de Abril" celebrada no dia 26 de Abril no bar Tarasca, com poesia, fotografia, música e teatro. No fim-de-semana seguinte, um roteiro polo Suido pujo fim a estas Jornadas, que fõrom um êxito -tanto de crítica como de público- difícil de superar.

Reintegracionismo convoca manifestação pola primeira vez

Novas da Galiza está entre os colectivos convocantes, reunidos sob o lema "Agora é Reintegracionismo."

Redacção

A boa saúde de que está a desfrutar o reintegracionismo galego nos últimos anos parece ter muito a ver com a manifestação que os principais grupos normalizadores do País convocaram para a manhã do dia 16 de Maio, véspera do Dia das Letras Galegas. Assim o entendem os colectivos organizadores, entre os que se encontra NOVAS DA GALIZA. Com esta manifes-

tação, que partirá da Alameda compostelana às 12h, o movimento reintegracionista reaparece no 17 de Maio como o único a convocar um acto reivindicativo em prol da língua nesta data assinalada, num momento histórico em que a recente reforma normativa parecia ter deixado o reintegracionismo ainda mais isolado face ao segregacionismo lingüístico. Longe de ter sido assim, o movimento normalizador mostra-se agora muito mais

unido, encetando com este acto umha ambiciosa Temporada das Letras que se prolongará até o dia 10 de Junho e sobre a qual também encontrará informações neste número do NOVAS DA GALIZA. Os organismos convocadores, para além do nosso periódico, som AGAL, Alto Minho, Fundação Artábria, Associação Cultural Galeguiza, a Gentalha do Pichel, MDL, a Reviravolta e a Revolta.

Retomam greve em castromil perante o "incumprimento dos acordos"

Redacção

A tranquilidade em Castromil foi sol de pouca dura. Terminada há menos de meio ano a passada greve, cuja finalização tinha evidenciado as diferenças entre as centrais nacionalistas CIG e CUT, o comité de empresa decidiu retomar as medidas de pressom. A greve está a atingir as comarcas das províncias da Corunha, Ourense e Ponte Vedra, recorrendo-se os serviços todas as

sextas-feiras. O sindicato CUT, que lidera os protestos, informou que a falta de acordo com a direcção de Monbus evidenciava a pretensom do grupo de Raul López de "destruir Castromil, outrora umha empresa modélica de transporte de viajantes na Galiza". Após o acordo alcançado depois da última greve, em Outubro de 2003, a CUT denuncia "incumprimentos do pactuado, a eliminação de empregos e do próprio volume de trabalho".

Também se assinalou o tremendo zelo da Junta da Galiza na hora de velar por uns "serviços mínimos claramente excessivos". Vários porta-vozes sindicais manifestárom, aliás, que esta greve que afecta mais de 20 000 pessoas, nom se fai contra "mas a favor dos usuários e usuárias, de dia para dia mais afectadas pola progressiva precarização da empresa". No fecho desta edição, a greve mantinha-se com as posições inalteradas.

Continuam em favor dumha rádio livre para Trás-Ancos

Redacção

A associação cultural OPAI apresentou-se publicamente no passado dia 8 de Abril numha festa em Ferrol sob a legenda "Conspirando por umha rádio livre". O colectivo continua a angariar apoios humanos e materiais para fazer possível o projecto de rádio livre a médio prazo.

Na festa de apresentação actuárom numerosos artistas como o jovem cantor Miguel

Alonso, o membro d'Osc Cempés Óscar Fernández, os Funky Brewsters, Loom, os ferrolanos Window Pane e a banda de rap IV Guerra Mundial.

Para conseguir pôr em andamento o projecto de Rádio Filipim precisam de conseguir financiamento para a emissora e a antena, razão pola qual están a desenvolver diferentes actividades, como a edição de um CD com 17 formações musicais da comarca.



Sindicatos acudírom desunidos ao 1º de Maio

Os actos centrais celebráron-se em Ferrol, em apoio ao sector Naval

Redacçom

Mais uma vez, o mundo sindical na Galiza acode desunido ao chamamento do Dia da Classe operária. Nas principais cidades galegas, milhares de trabalhadores e trabalhadoras percorrêrom as ruas sob palavras de ordem relativas à precariedade laboral, ao pleno emprego, ou reclamando atençom sobre os conflitos em empresas, principalmente do ramo naval, têxtil ou dos transportes.

Assim, em Vigo, três manifestaçom diferentes terminárom na Porta do Sol. A mais numerosa foi a convocada pola CIG com cerca de 10 000 pessoas, sob o lema "contra a precariedade, mais e melhor emprego". Animada por um ambiente festivo, com música e cançom, a marcha deu ênfase, nomeadamente, à reclamaçom de convençom laborais galegas, mais emprego e mais soberania. À cabeça da manifestaçom caminhavam Beiras, Castrilho e a deputada Olaia Fernández.

A manifestaçom mais madrugadora foi a da CUT e CGT, em que cerca de duas mil pessoas marchárom pola cidade olívica. Atrás de um cartaz em que se lia: "pola paz e a justiça social", os participantes berrárom palavras de ordem como "Europa social e nom do capital", "reforma laboral, traicòm sindical", "operário despedido, patrom pendu-

rado" e "trabalho temporário, terrorismo patronal". Nom faltou nesta reivindicativa manifestaçom, a alusom à conflitividade por que atravessa a empresa Castromil, podendo ler-se noutro cartaz: "Nom à destruiçom de Castromil".

Por outro lado, as centrais sindicais de âmbito estatal espanhol, UGT e CC.OO., reunírom perto de 4000 pessoas sob o lema "Constituiçom europeia para a paz, o pleno emprego e o bem-estar. Nom ao Terrorismo". Na manifestaçom insistiu-se na necessidade de a futura constituiçom europeia vir a ter um conteúdo social avançado.

Actos centrais em Ferrol

Mas os actos centrais das principais forçom sindicais foram transferidos neste ano para a cidade ferrolana, dada a actual situaçom de precariedade do ramo naval nesta zona. Nom foi possível, apesar das tentativas, que os três sindicatos, polo menos em Ferrol, acudissem unidos sob um mesmo lema.

A manifestaçom da CIG, com cerca de mil pessoas, contou com a presença destacada de trabalhadores das empresas Texmin, Astafersa e Localia, que atravessam por umha profunda crise. O secretário Geral da CIG, Jesus Seixo, fijo finca-pé na crise do sector naval que afecta a comarca, tam castigada já desde a reconversom naval dos anos oiten-



ta. Nom faltárom referências à mudança da cor política no Governo do Estado e à necessidade de se manterem as mobilizaçom para pressionar o novo governo do PSOE, cuja etapa "felipista" lembrou como sendo de reconversom brutal e políticas neoliberais.

Por sua vez, também na comarca de Trás-Ancos, cumpre destacar a postura de NOS-UP de participar nas manifestaçom convocadas, sem deixar de criticar as "incoerências da CIG" e a "manipulaçom das organizaçom sindicais por parte das organizaçom políticas que as hegemonizam".

Também apoiou incondicionalmente, nesta jornada, o quadro de ASTAFERSA, que está em luta contra o seu patrom, Juan Fernández, líder dos Independentes por Ferrol.

Nas outras cidades galegas a participaçom nas manifestaçom foi menos numerosa, mas nem por isso menos reivindicativas. Na Corunha, Ourense e Compostela, a divisom sindical foi também manifesta. Em Compostela, para além das duas manifestaçom de UGT-CC.OO e CIG, vários centos de pessoas responderom à convocatória da CNT.

Nunca Mais convoca Fórum da Verdade como comissom de investigaçom própria

Celebra-se na Corunha e Ponte Vedra com diferentes mesas e comunicaçom sobre o acontecido com o Prestige

Redacçom

Após ano e meio da catástrofe do Prestige, a Plataforma Nunca Mais convocou o Fórum da Verdade. Esta nova convocatória do Fórum vai ocorrer em Ponte Vedra, no Paço da Cultura, nos dias 15 e 16 de Maio e ainda no Paço de Marinhám, na Corunha, durante os dias 29 e 30 deste mês. O Fórum da Verdade é concebido como umha comissom de investigaçom própria desta plataforma cidadá, e nele vam comparecer, para além dos sectores mais afectados pola catástrofe, pessoas ligadas ao campo artístico, literário, jornalístico, actores e atrizes, e ainda "aquele movimento das pessoas que de diferentes áreas trabalhamos em todo o que tem a ver com a catástrofe do Prestige", segundo apontam na Plataforma.

A mesa do sector piscatório, a comissom jurídica, a mesa dos meios de comunicaçom e o "recital das verdades" é o programa que será desenvolvido em Ponte Vedra. A programaçom da Corunha começa no sábado 29 de Maio às dez da manhã com umha mesa sobre "segurança marítima" em que participarám Tomás Rodríguez, Presidente da Associaçom de Chefes e Oficiais de Máquinas Navais da Galiza, Felipe Louzán, Capitám da Marinha, e Antón Salgado, oficial radioeléctrico da Marinha Mercante. A jornada continuará com umha mesa sobre "saúde e Prestige" em que participam integrantes da Plataforma de Pessoal Sanitário da Associaçom Espanhola de Toxicologia e Miguel Porta, coordenador do Grupo de Epidemiologia Clínica e

Molecular do Cancro no Instituto Municipal de Investigaçom Médica de Barcelona e Professor titular da Universidade Autónoma de Barcelona. À tarde, o debate vai tratar das repercussom socioeconómicas, com três relatórios apresentados por diferentes economistas, para analisar os recursos piscatórios e o impacto da maré negra. Os movimentos sociais e a resposta dada pola sociedade galega terám um protagonismo especial na Corunha. Assim, numha participarám Uxia Senlle, Xesus Ron, José Luís Castro Baletto, Xosé Sánchez Blázquez, vice-presidente da Confederaçom Galega de Associaçom Vicinais e Ramon Chao, que reflectirá acerca dos movimentos sociais no actual contexto europeu e mundial. Para a jornada do domingo deixou-se o acto de reconhecimento à socieda-

de civil que estará simbolizada nos pratron maiores que na altura estivêrom em greve de fome, nas redeiras, nas cozinheiras que atendiam o voluntariado, no próprio voluntariado, nos marinheiros e nas criançom que participárom naquela espectacular corrente humana. Entre as actividades cumpre salientar a projecçom de um vídeo da Confraria de Ogrove a homenagear os voluntários e as voluntárias. Ao meio dia e meia do domingo celebrará-se a conferência de encerramento em que os coordenadores e coordenadoras de cada mesa se encarregarám de expor as conclusom de todas as mesas celebradas neste Fórum, tanto em Ponte Vedra como na Corunha. O escritor Manuel Rivas será o encarregado de pôr o ponto final a esta nova convocatória do Fórum da Verdade.

Embora
Rua Trás San Fiz de Solovio Nº2
15704 Santiago de Compostela
Tfno:981 58 44 18
E-mail: emboracafe@mixmail.com
GZ

Cafe

TARASCA
Zittemarta, 13
Compostela - Galiza
Telfax: 981 572 154

9.00

CACHAN

9.00

GARIGOLO

...Café - Teatro...
Praça da Algalia de Arriba, 1
COMPOSTELA

Rúa Nova

CAFETERIA RESTAURANTE

Rúa Nova, 38 - Santiago de Compostela
Tfno: 981 544 900
Tfno./Fax: 981 571 575

A REDA

rúa tras de saizome
santiago

cafe-bar

a medusa
praza salvador parga nº 1
compostela

reportagem

Cidade da Cultura da Galiza, o mausoléu como negócio

Um projecto de cultura-espectáculo mediante grandes contentores sem conteúdos definidos

Na Galiza do betom, do "feísmo", das auto-estradas e do AVE que nom chega, umha obra muito particular tem elevado umha ruidosa polémica acima de todo o resto. Prestes a se consumir sobre a desfeita do que tinha sido um dos emblemáticos montes que rodeiam Compostela e um dos últimos espaços agrários da capital galega, a chamada Cidade da Cultura

irrompeu como a brilhante proposta de "fim de carreira" que Manuel Fraga desenhou no seu pôr-do-sol político e biológico. Tratava-se de deixar umha profunda pegada, de calar com os factos toda a oposiçom -a institucional até- e, sobretudo, de fechar velhas e sólidas alianças: poderosos grupos financeiros e empresariais aparecem já perfeitamente nítidos como actores

na primeira fileira de umha obra que há de consumir um projecto que consagra a ostentaçom e o luxo, a vontade de espectáculo e o regionalismo cultural. A maciça oposiçom da sociedade galega nom evitou, porém, que o protesto activo fosse protagonizado só por pequenos sectores e que a voz da vizinhança afectada nom superasse a censura mediática.

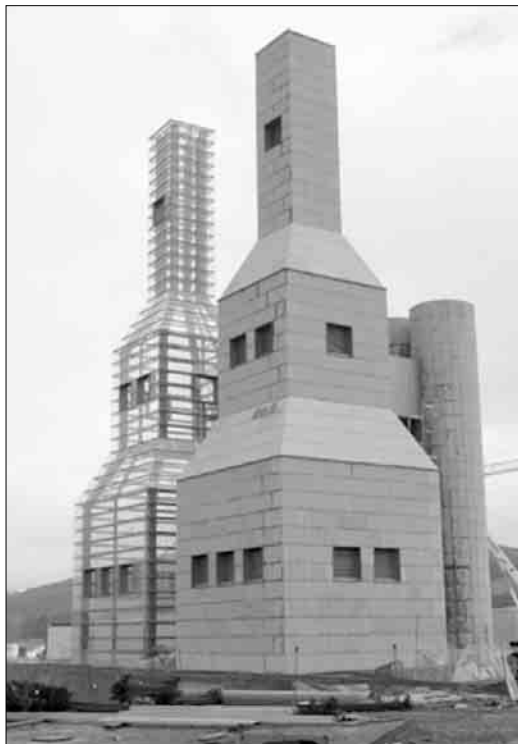
José Manuel Lopes

A primeira notícia que se tivo de um projecto de concentraçom de serviços culturais, por empregarmos a terminologia oficial, data de finais do ano 1997. Na altura, um Fraga ainda duramente abalado por um processo eleitoral que confirmara o vertiginoso avanço nacionalista, dedicou o seu discurso de investidura no parlamento autonómico a avançar, sem dados mais precisos, a ideia de um futuro espaço para a cultura que havia de pasmar próprios e estranhos. A partir de entom, a combinaçom da ideia de grandeza (física e orçamentária, e nom propriamente cultural) de que tanto gosta o PP galego com um procedimento opaco e obscurantista acompanhou todo o processo. A oposiçom parlamentar nom obtivo por parte da presidência informaçom de primeira mao, limitando-se a acumulá-la por conta própria e a aguardar notícias mais concretas. A vizinhança do bairro do Viso, umha das zonas urbanas onde a idiossincrasia rural é ainda notável, tampouco conhecia ao pormenor o que ia acontecer com essa parte de um terreno de mais de 70 000 m² que lhe pertencia e era utilizada como fonte de sustento. Os agentes culturais galegos, na suas variadas manifestaçoms, tampouco fõrom convocados a qualquer reuniom informativa sobre um espaço, dizia-se, em que haviam de ser os verdadeiros protagonistas. E nom lhe faltavam ideias e sugestoms ao que de certeza é um dos sectores mais vivos e críticos da nossa sociedade: o "Fórum da Cultura Galega", que se tinha reunido em Agosto de 2000, alertava contra o trauma da cultura-espectáculo e

contra a tentaçom de conceber só o uso turístico do património através da utilizaçom de grandes contentores culturais sem conteúdos definidos.

Procedimento irregular

O que estava em questom nom era dar informaçoms concretas de mais, porque todas as informaçoms que nom havia demasiadas ideias. Para além de erigir um grande parque temático da cultura galega a escassos quilómetros do maior centro de concentraçom turística da nossa naçom, a Praça do Obradoiro, Pérez Varela resumia o sentido profundo da obra projectada com a frase: "os galegos temos que fazer peito". A indefiniçom dos conteúdos era a carência mais gritante que caracterizava o projecto nos seus primeiros passos, como insistiam em assinalar umha e outra vez destacados representantes do Bloco Nacionalista Galego no Paço do Hórreo. De facto, e perante a insistência da Junta a clamar pola necessidade de serviços culturais em Compostela, a organizaçom nacionalista reclamou a imediata posta em andamento nesta cidade do conservatório de música, da escola dramática galega e de um ambicioso plano de reabilitaçom do património. Mas nom só se tratava de ausência de definiçom. O partido governante na Junta insistiu numha outra marca da casa que define a sua gestom: umha opacidade continuada que tam-só se rompeu pola desavença frustrada de Francisco Vázquez. O presidente da câmara corunhesa fijo público perante os meios de comunicaçom, aguilhoado polo seu localismo, que um grande



"Fundación Cidade da Cultura da Galiza" acolhe entidades como Caixa Galiza, Caixanova e Telefónica. Nom se descartia a entrada de transnacionais como Siemens ou Philips

Relatório Galiza 2010 mostrou-se crítico com os âmbitos que a Cidade da Cultura pretende revitalizar em formato concentrado

concurso de ideias estava a ser arranjado para a concessom do desenho arquitectónico da Cidade da Cultura, era mais um exemplo de marginalizaçom da Corunha. Com efeito, um tribunal composto por vários profissionais da arquitectura e destacados responsáveis políticos, entre os quais Manuel Fraga, Pérez Varela e Sánchez Bugalho concediam a obra ao arquitecto estadounidense Peter Eisenman. Para além da sua reconhecida fama internacional, este arquitecto acabaria por ganhar ainda mais noto-

riedade polo seu papel protagonista na obra projectada: começou por nom respeitar as bases do concurso, enviando um texto em inglês -embora teoricamente só fossem admitidos o galego e o espanhol- e continuou a manifestar, os dias prévios às eleições autonómicas de Outubro de 2001, que as obras se paralisariam se Manuel Fraga nom repetisse como presidente da Junta.

Conteúdos: concretizaçom do espectáculo

Com a passagem do tempo os responsáveis pola Junta dam a conhecer parte dos conteúdos concretos que albergará esta obra magna e, mais importante ainda, o sentido concreto que se esconde atrás de umha das mais fabulosas mostras de investimento público na Galiza. Tratava-se de construir sobre o lombo do Gaiás um museu de história, duas bibliotecas e umha hemeroteca, um centro audiovisual galego, um auditório, um teatro da ópera, umha sonoteca e um chamado "bosque autóctone". A enxurrada de projectos concentrados neste monte compostelano e a atractiva exhibiçom de poderio cultural contrastárom, ainda, com um outro tipo de valorizaçoms chegadas paradoxalmente do mesmo lado dos impulsionadores do projecto. O historiador X.R. Barreiro Fernández, presidente da Real Academia Galega e representante egrégio do oficialismo cultural galego (conhecido espanhol-falante que até tem defendido Francisco Vázquez ao lhe restar gravidade aos seus arroubos contra o idioma) nom demorou a manifestar que lhe parecia umha obra pernicioso e excessiva. O conhecido Relatório Galiza 2010,

um estudo prospectivo elaborado por diferentes especialistas sobre cada campo de actuação, fazia umha diagnose terrivelmente crítica sobre o estado da cultura galega ao longo da nossa geografia: índices mínimos na aquisição de livros face a outras zonas do Estado, ausência de umha rede bibliotecária pública que atinja a totalidade dos núcleos de população, falta de incentivos fiscais para o uso e promoção do galego, deficiências profundas nas infra-estruturas de catalogação e documentação do património, nulidade na política de formação e qualificação do pessoal restaurador...

o relatório, crítico com todos e cada um dos âmbitos que a Cidade da Cultura pretende revitalizar em formato concentrado, foi encomendado às caixas de poupança, responsabilizadas pela sua publicação. Apesar da conhecida e explícita vinculação dos grandes poderes económicos galegos com o projecto político da direita espanhola mais dura, as conclusões que avaliavam esse relatório bem poderiam coincidir com as críticas chegadas da própria oposição

institucional. A deputada Pilar García Negro destacava a escassez de meios da infra-estrutura cultural galega e manifestava a sua rejeição ao esbajamento propagandístico de recursos. Para a ex-parlamentar, umha biblioteca nacional galega, umha hemeroteca nacional galega, novos museus de arte contemporânea ou qualquer tipo de inovação som perfeitamente factíveis partindo do que já existe. A dirigente nacionalista acrescentava ainda o

seguinte, com umha ilustrativa comparação: "acontece o mesmo que em qualquer economia doméstica: com certeza qualificaríamos de insensata a pessoa que tivesse três vídeos e quatro televisores na sua morada e não tivesse água corrente ou aquecimento num país como o nosso. Pois transfirmamos este esquema ao dos orçamentos públicos, que ainda necessitam mais desta política: em primeiro lugar, devemos atender o que há, sem adiarmos a realização, quando for necessária, de novas infra-estruturas". Contudo, a maior concreção do projecto que incubava a Junta da

Galiza nom foi resultado do enquadramento traçado por Peter Eisenman nem da distribuição física de cada um dos prédios do macro-complexo. Foi o conselheiro da cultura Jesús Pérez Varela quem insistiu umha e outra vez na ligação que tem a própria obra com umha planificação global no que diz respeito à economia e à cultura galegas. Para este dirigente do PP, que passou de adepto entusiasta do golpismo no 23-F, quando era jornalista, a agente promocional

do nosso património, este "navio almirante da cultura galega" foi pensado como centro aglutinante de serviços "porque os relatórios técnicos aconselharam a fazê-lo assim, à procura de umha maior repercussão económica". Nom se trataria tanto de melhorar as dotações culturais da Galiza como de erigir a Cidade num "pólo de atracção em si próprio, ao nível de Paris, Praga ou Berlim". Estas declarações, complementam-se perfeitamente com as do vereador



Mais da metade dos 700 000 m2 de extensom do Gaiás pertenciam à Caixa Galiza

do PSOE Francisco Candela, que tem equiparado orgulhosa e publicamente a Zona Velha da nossa capital com "um autêntico parque temático". Talvez esta acabada definição dos objectivos, em confronto com a imprecisão dos projectos culturais a promover, sirva para entender a arriscada aposta económica da Junta: dos iniciais 18 000 milhões das antigas pesetas a investir no macrocomplexo -o BNG insistiu logo no início em que a quantidade ultrapassaria o montante oficial- o governo autonómico chegou a reconhecer que o investimento andaria por volta dos 80 000 milhões. Ficam ainda por concretizar as despesas que originará o mantimento das instalações e a organização das actividades, que o membro do PSOE Antón Louro avaliou em mais de 5000 milhões de pesetas por ano. Com efeito, a pura generosidade nom poderá carregar com semelhante nível de gasto. Mesmo tratando-se de umha intervenção pública, a iniciativa privada nom vai ficar nem muito menos à margem da gestom e orientação do futuro complexo. A chamada "Fundação Cidade da Cultura da

Galiza", sita no Hospital de Sam Roque do centro de Compostela, acolhe entidades como Caixa Galiza, Caixanova e Telefónica, e por enquanto nom se descarta a entrada no Patronato de transnacionais como Siemens ou Philips, que terão capacidade para decidir sobre os conteúdos e actividades do complexo.

Umha obra de filosofia muito semelhante, mas neste caso gerida por umha fundação através de umha franquia e com menor carga fiscal para o governo autonómico -o Guggenheim bilbaíno- foi umha e outra vez comparada com o projecto de Peter Eisenman quanto ao que partilham de sintoma de certo fenómeno cultural em duas nações sem Estado. Homologáveis som as obras, como homologáveis podiam ser, salvando todas as diferenças, as críticas que mereceu por parte de certas vozes autorizadas: o arquitecto galego César Portela pujo em causa que "um arquitecto à distância seja o mais acertado para a Cidade da Cultura da Galiza". O artista basco Agustín Ibarrola, por seu turno, afirmou que o

Guggenheim era só "umha avançada do colonialismo formal norte-americano". Longe de identificações com o seu país de origem, Peter Eisenman foi, no entanto, muito claro ao seu jeito: "a Cidade da Cultura, como o museu Guggenheim em Bilbao, será um símbolo da Espanha no mundo".

Pretexto para devolver favores

Mas as decisões com maior relevância económica de alguma maneira ligadas à Cidade da Cultura nom se encontram apenas na gestom do seu Patronato. A escolha do terreno para situar as obras nom foi inocente, porquanto mais da metade dos 700 000 m2 de extensom do Gaiás pertenciam à Caixa Galiza. Ainda que a Junta nom fizesse nunca nenhuma declaração pública em relação ao que parecia umha evidente operação político-económica com a entidade de José Luís Méndez, aproveitando a "cultura" como pretexto, era soejamente conhecido que assistíamos ao primeiro capítulo de umha operação de relativa transcendência, destinada a se consumir com umha

avante DISTRIBUIDORA TEXTIL
RUA DO VILAR 13 BAIXO
32005 - OURENSE
TELEF. 619 419 338

Preenche este cupom, recorta-o e envia-o ao endereço aqui indicado. Fai o teu pagamento mediante ingresso bancário na conta número 20800261280000206544 de Caixa Nova (acrescentando 3 € de gasto de envio) ou bem contra-reembolso (somando 6 € de gasto de envio) No seu caso, anexa cópia do justificante do ingresso.

Num. Referência:
Cor: **Talha:**
Nome:
Apelidos:
Endereço:

LOGO COMITE REVOLUZONAREO ARREDISTA DA HAVANA
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

GALIZA CEIVE
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

A FOUCE
PERIODICO GALEGO
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EUROS

aproximação obscena do PP e da entidade financeira. Com efeito, um ano depois da cessão dos 406 000 m² à administração autonómica por meio de umha convenção em condições vantajosas para esta, umha polémica decisão da Junta acabava por se tornar pública: no processo de privatização da Empresa Nacional de Celuloses em 2001, o importante grupo de pressom florestal formado por Sonae, Banco Pastor, Foresgal e Silvanus ficava fora de jogo ao adquirir 24,9% do capital da papelreira o grupo Caixa Galiza-Banco Saragoçano-Bankinter. Tampouco Fraga Iribarne andou com demasiadas voltas, porventura iludido com um complexo cultural que eternizará o seu nome e a sua tradição política, quando concedeu à caixa corunhesa a medalha de ouro da Galiza. Entre os méritos valorizados estava, como afirmou o presidente da Junta, o de "ter cedido os terrenos dos quais é proprietária no monte Gaiás (Santiago de Compostela) onde se empreenderá a construção da Cidade da Cultura da Galiza".

Também não podemos desconsiderar as preferências económicas de um arquitecto, Peter Eisenmann, que demonstrou em mais de umha ocasião o seu gosto pelo protagonismo: a ele se deve, segundo algumas fontes, a eleição de Soluziona - filial de FENOSA dedicada aos serviços como empresa encarregada do desenho e direcção da obra. Neste cenário tam previsível, e em absoluto oculto, nom podiam faltar aqueles que estão a demonstrar ser os mais sólidos aliados do PP dentro dos grandes capitalistas, ansiosos por consumir esse Plano Galiza que tam destacada presença lhe cede. Os grandes gigantes da construção som, como é óbvio, actores principais num projecto que precisou, antes de mais, de destruir todo um monte para instalar o grande parque da cultura.



Dos iniciais 18 000 milhões das antigas pesetas a investir no macrocomplexo, o governo autonómico chegou a reconhecer que o investimento andaria por volta dos 80 000 milhões

ra. Nom surpreendeu ninguém que a concessão da obra, feita através de concurso público, recaísse numha aliança pontual de empresas entre Construções Paraño S.A. e NECSO. A primeira, com sede em Ourense e habitual das obras licitadas pola Junta, fora denunciada há pouco mais de um ano por Nunca Mais Carnota por trabalhar nas tarefas de limpeza do piche, junto a Tragsa, sem a mínima consideração polo meio natural nem pola saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. Quanto a NECSO, trata-se da divisom de construção do gigante empresarial Acciona, e está a ser umha das empresas mais beneficiadas polo Plano Galiza e o novo desenvolvimento agressivo que os sucessivos governos espanhóis ensaiam na Galiza em matéria de infra-estruturas. Hoje em dia, encarrega-se

também das obras do porto exterior de Ferrol (que, como já denunciou NOVAS DA GALIZA, está a destruir ilegalmente umha área incluída na Rede Natura 2000). Umha outra divisom de Acciona projecta a construção de quatro parques eólicos na provincia de Lugo, enquadrados no Plano de Energia Eólica 2004, sob a direcção da Junta da Galiza. Se dermos atenção à letra pequena, veremos que a aparente distância entre os propósitos turísticos que Pérez Varela idea através da Cidade da Cultura e o boom construtivo destes anos nom é tal. A operação económica do Gaiás é a ponta do icebergue de umha aliança tácita, como reconheceu nom há muito Antonio Fontenla, presidente da patronal galega e ele próprio

construtor. Perguntado polos enormes fundos que o Plano Galiza dedica à promoção turística - quase o triplo do que dedica a potencializar os sectores produtivos -, manifestou ser esta "umha excelente notícia".

Oposição fragmentária e contundente

A oposição de certos sectores da sociedade e o tecido associativo e político desinchou-se por razões diversas à medida que as obras avançavam (o seu final teórico devia situar-se em 2003). O mundo da cultura nom saiu à rua nem exteriorizou o seu descontentamento além dos canais habituais, revistas especializadas ou manifestos, e o nascimento de Burla Negra nom inverteu a tendência. Tam-só umha associação cultural local, "O Pedroso", organizou palestras e roteiros contra a construção do Gaiás. O BNG, por sua vez, aderiu ao "apoio crítico" do PSOE umha vez que o governo municipal levou o nacionalismo autonomista a assinar com Sánchez Bugalho a reivindicação de um complexo cultural para a cidade de Santiago. A possível indefinição quebrou quando Encarna Otero assistiu ao acto de colocação da primeira pedra em companhia de autoridades religiosas, militares e políticas. Nesse mesmo dia, um cordom policial mantinha afastado o protesto dos fastos: umha concentração da Assembleia Popular da Comarca de Compostela, antecedente compostelano de NÓS-Unidade Popular. A organização política independentista protagonizou umha oposição mais simbólica do que relevante, mas que em qualquer caso pretendia representar a vizinhança afectada e esse 59% de compostelanos e compostelanas que nom viam necessária a obra. Umha assembleia de vizinhos e vizinhas, propaganda e agitação contra a obra caracterizaram os primeiros meses de 2001.

Mais recentemente, em plena crise nacional do Prestige, activistas de NÓS-UP pintárom de preto parte da fachada do prédio da Fundação Cidade da Cultura para reivindicarem que o orçamento da obra se destinasse a combater as marés negras.

Porém, o tecto mediático foi atingido em 2001: no mês de Novembro, umha sabotagem com vários artefactos incendiários de fabricação caseira, retirados dos camions antes de explodirem, voltou a situar o projecto como manchete de actualidade. Umha comunicação anónima atribuiu a autoria a grupos independentistas, facto que a delegação do governo espanhol confirmou tempo depois. Pequenas e nem sempre comunicadas oposições continuárom a confluir ou a confundir-se ao longo do processo: a vizinhança que acabou por perder as suas terras de lavoura polo processo de expropriação forçosa recorrêrom à advocacia. As queixas aparecerôrom entrecortadas nas páginas d'El Correo Gallego. A oposição nom prosperou e muitos lembram com pesar o tempo em que o prado se estendia pola aba sul do monte ou em que ainda havia vacas no lugar. Alguns recordam o barulho de certas noites, quando as pressas da Junta obrigárom a meter a maquinaria de noite e a trabalhar todas as madrugadas. Outros ainda podem ensinar as fendas que aparecêrom nas suas moradas nos primeiros momentos da obra, produto das explosões que destripárom o monte. O Viso e o Sar, dous dos bairros mais esquecidos polos sucessivos governos municipais, com défices no transporte público, na iluminação ou no firme das ruas, aguardam como vertiginosamente tudo isto se tornará decente, embora artificial e forçosamente, quando as vagas de turistas começarem a invadir o Gaiás.

A operação económica do Gaiás é a ponta do icebergue de umha aliança tácita entre os poderes económicos e políticos da Galiza

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador = 30 euros

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Dirigentes do PP galego querem recuperar Cuinha para suceder Fraga

Relatórios dos presidentes do PP de Ourense e Lugo proponhem cacique de Lalim para a vice-presidência

O último encerramento dos Conselheiros da Junta da Galiza com Manuel Fraga, celebrado nesta Páscoa no Parador de Monforte de Lemos, tivo como notícia mais transcendente a comunicação interna do Presidente da Junta ao seu governo de que nom se apresentará às próximas eleições autonómicas. Este anúncio leva implícito o compromisso do PP de nom falar desta questom até

depois do dia 13 de Junho, data das eleições europeias. Manuel Fraga também encarregou a dirigentes do PP e aos seus conselheiros que elaborassem relatórios com os nomes do seu sucessor. Ainda, o presidente da Junta e presidente do PP na Galiza anunciou que criaria duas vice-presidências. Umha delas seria, segundo fontes do próprio partido, para José Cuinha Crespo, a fim

de devolvê-lo à actividade política. Os dirigentes populares em Ourense e Lugo propugérom Cuinha também para a sucessom de Manuel Fraga. Boa parte do partido em Ponte Vedra, sobretudo tendo em conta o fracasso eleitoral do 14-M, atreveu-se a manifestar que "José Cuinha já pagou a sua dívida, soubo estar calado e os silêncios e a lealdade em política pagam-se".

Manuel Salgueiro

O Partido Popular iniciou já os preparativos para a sucessom de Manuel Fraga, que tivo de ser paralisada em várias ocasiões. O primeiro braço-de-ferro foi a Convençom que se celebrou a 15 de Maio, em que José Manuel Barreiro e Alberto Nuñez Feijoo apresentárom as comunicaçoms mais esclarecedoras do encontro. O segundo grande passo, com a estratégia perfeitamente desenhada e a executiva remodelada, vai dar-se após as eleições europeias. Dous movimentos de Manuel Fraga voltavam nestas últimas semanas a levantar a poeira política do Partido Popular, adormecida durante as eleições espanholas. Primeiro, Fraga anunciava no tradicional "retiro" do governo, neste ano celebrado em Monforte, que nom se candidataria à reeleiçom. Ao mesmo tempo, encarregava a elementos destacados do partido relatórios "francos" sobre quem e porquê poderia vir a sucedê-lo. Em Monforte, o presidente da Junta, anunciou também que nomearia "duas vice-presidências". Posteriormente, logo após umha das reunioms do Conselho da Junta, dizia perante os meios de comunicaçom "que com probabilidade nomearia um vice-presidente". Destacados membros da executiva estão confiantes de que umha delas "há de ser para Cuinha, cumpre recuperar a sua imagem, já pagou".

As conjecturas voltavam com força ao Partido Popular, e as velhas aspiraçoms de alguns e as novas de outros começavam a tentar ganhar posiçoms dentro do partido do governo na Comunidade Autónoma Galega. José Luis Baltar e Francisco Cacharro querem recuperar José Cuinha Crespo para suceder Manuel Fraga. O político de Lalim conta com apoio suficiente, sobretudo no rural galego. Os dirigentes do PP de Ourense,

Ponte Vedra e Lugo insistem na injustiça cometida com o filho do Moleiro -como gosta Cuinha de se chamar a si próprio- e entende que a dívida foi suficientemente paga com o silêncio mantido por quem tinha sido o eterno aspirante à sucessom de Manuel Fraga Iribarne. Cuinha calou, esperou e entre os populares vincou a ideia de que "já pagou". Muitos dirigentes do PP galego recordam agora que Mariano Rajoy está na oposiçom em Madrid. Um fracasso eleitoral que para alguns "desautoriza Mariano para impor sucessor".

Dirigentes querem regresso de Cuinha

Rivas Fontán, de Ponte-Vedra, dizia para quem o quisesse ouvir o que muitos pensam no PP mas poucos se atrevem a dizer a viva voz: "Fraga já nom serve, vai velho". Agustim Baamonde, presidente popular da Câmara Municipal de Vilalba, a localidade natal de Fraga, manifestou abertamente que "no PP as luzes vermelhas estão acesas". O Secretário de Organizaçom no PP de Ourense, José Manuel Baltar Blanco pedia "reflexom e galeguismo para sair da epilepsia política em que está metido o partido". Foi entom também, após as eleições espanholas, quando José Luis Baltar, presidente do PP de Ourense indicou que ele "nom se movia". Todos os olhares se voltárom entom de novo para Lalim. José Cuinha Crespo, o eterno delfim de Manuel Fraga até aquele mês de Janeiro de 2003, quando o Conselheiro foi defenestrado politicamente por causa da venda de material das empresas familiares para a recolhida do piche do Prestige., voltou às palestras políticas. Em Março de 2003, José Luis Baltar já tinha esclarecido a sua posiçom, após ter protagonizado



Fraga encarregou a elementos destacados do partido relatórios "francos" sobre quem e porquê poderia vir a sucedê-lo

Arquivo

o seu filho José Manuel Baltar e quatro parlamentares populares ourensanos um protesto perante Fraga pola perda de "galeguidade" do Partido Popular na Galiza e em apoio de Cuinha Crespo. Baltar Pumar indicou naquele momento: "Na mente de todos os militantes está que voltará a chegar o momento de Cuinha". Foi o momento em que a fracçom do PP conhecida por "os da boina" considerárom que os tempos para Cuinha eram chegados. No relatório que acabou na mesa da Presidência, elaborado polos presidentes de Ourense e da Deputaçom de Lugo e ainda por alguns cargos políticos de Ponte Vedra o nome proposto é o de José Cuinha Crespo.

Fraga ordena silêncio

Manuel Fraga Iribarne tinha dado no Partido Popular a consigna de nom se falar da sucessom até depois das eleições e até que Mariano Rajoy fosse presidente do governo Espanhol. Rajoy dirigia "pessoalmente" da rua Génova, segundo apontam fontes do PP, a sucessom de Manuel Fraga. Após o dia 14 de Março,

com a surpresa eleitoral e o Secretário Geral do PP na oposiçom começam-se a sentir os movimentos políticos para as diferentes fracçoms populares se

Num relatório que acabou na mesa da Presidência, elaborado por altos cargos do Partido Popular de Galiza, o nome proposto é o de José Cuinha Crespo

posicionarem. Umha corrente popular quer devolver Cuinha para a cena política galega. Umha corrente encabeçada por aqueles deputados que no pior momento do ex-conselheiro o apoiárom e se fizérom chamar "o grupo de Ourense".

Eleições autonómicas

As eleições autonómicas som em Outubro de 2005. Até depois das Europeias, em Junho próximo, nom haverá movimentos públicos no Partido Popular. Mas a estratégia já está definida a estas alturas do campeonato. O Presidente da Deputaçom de Lugo, Francisco Cacharro indicava recentemente que "o processo de sucessom deve ficar claro no próximo congresso". Umha cita que o PP terá antes do fim do ano.

Um dos nomes mais citados nos últimos tempos som o de Alberto Nunes Feijoo, Conselheiro da Política Territorial e substituto de José Cuinha Crespo. No entanto, as possibilidades do ourensano som mínimas por nom contar com os apoios necessários dentro do partido. Nunes Feijoo chegou à Conselharia da Política Territorial após ter passado por Madrid, onde presidia os Correios, e chegou com o apoio do presidente da câmara ourensana Manuel Cabezas, de José Manuel Romay Beccaria e ainda da própria política desenhada na rua Génova. Foi empregado polo



Ninguém dá por perdido José Cuinha Crespo e os dirigentes están dispostos a recuperá-lo para a açom e o protagonismo político Arquivo

partido em Madrid para romper, a favor da maquinaria central do partido, a luta contra os chamados "da boina", entre os que se encontrava o próprio Cuinha, José Luis Baltar, presidente do PP ourensano (que continua a ser um dos grandes feudos de voto do partido) e Francisco Cacharro Pardo, presidente da Deputaçom em Lugo. Se se produzisse pois o nomeamento de Nunes Feijoo como vice-presidente poderia produzir-se dentro do PP galego umha profunda crise. Isso apesar de que Nunes Feijoo protagonizou a maioria das inauguraçoms produzidas nos últimos anos, por estar muito ligado à figura do ex-ministro Álvarez Cascos, e nomeadamente por ser a cabeça visível da conselheria mais investidora. O actual Conselheiro do Ambiente e Presidente do Partido Popular em Lugo José Manuel Barreiro é o nome que mais consenso suscita dentro das fileiras do PP galego. No entanto, Barreiro terá de lidar com o confronto aberto que mantém com Francisco Cacharro

As informaçoms que acusavam o conselheiro e a presumível trama para assassiná-lo partírom da própria "rua Génova"

Pardo, a quem substituiu na liderança do PP provincial. Barreiro é também a pessoa de confiança de Xesús Palmou. De facto, Palmou já o tinha ao seu lado como vice-secretário geral do PP da Galiza. Nom perdoam os dirigentes populares a Palmou o que consideram umha traiçom a Cuinha e a submisson "aos ditados" do PP de Madrid. Apesar disso há vozes que consideram que Xesús Palmou é a figura melhor situada para a sucessom. Mas todas estas vozes procedem de fora do PP. É o

caso do ex-vice-presidente da Junta José Luis Barreiro Rivas, que indicou que "Palmou é o candidato melhor situado". Corre o tempo também contra o conselheiro do Ambiente pois a apresentaçom perante a sociedade galega começa a ter pressa, e unicamente há um ano de tempo para fazer esse trabalho.

Queda de um conselheiro, promoçom de um vice-presidente
Ninguém dá por perdido José Cuinha Crespo e os dirigentes están dispostos a recuperá-lo para a açom e o protagonismo político. De Monforte saiu a informaçom de que polo menos será vice-presidente. Contra o ex-conselheiro figuram os escândalos protagonizados com as suas empresas familiares, o incumprimento da Lei de Compatibilidade. Os escândalos de venda de material do seu holding familiar para recolher piche do Prestige. Mas o PP na Galiza tem claro que a queda de Cuinha responde antes à sua "aposta galeguista" do que ao facto de que o seu

perfil nom tivesse convencido em Madrid. Nesta ultima questom radica a principal das causas da sua defenestraçom política. As informaçoms jornalísticas que acusavam o conselheiro de nom cumprir a lei de compatibilidade, a venda de material para o Prestige e a presumível trama urdida para assassiná-lo partírom da própria "rua Génova". Por isso nos corredores do partido ouve-se de dia para dia com mais força "os tempos som chegados para José Cuinha".

Cronologia

1993. Cuinha, sendo já conselheiro, retoma a amizade com Jorge Esparza, cúmplice e testa-de-ferro de Roldán. Naquele momento, Esparza exerce de alto cargo executivo de Huarte, a empresa que ganhou a licitaçom para construir o Hospital Clínico de Santiago. Começa a especular-se com as comissoms recebidas por Cuinha pola realizaçom desta obra.

1994. INASUS factura quase 1000 milhons de pesetas em empreitadas para obras da Junta.

1995. As empresas de Cuinha Inasus, Metaldeza e Pumade passam do registo de Morosos do Banco de Espanha em 1989 a ser as quintas no estado em fabricaçom de fachadas.

1999. Confronto entre o empresário afim ao PP Martínez Nunes e José Cuinha

1999-2000. As empresas da família Cuinha recebem 250 milhons de pesetas em subsídios a fundo perdido. O Ministério da Economia contribui com 180 milhons e a Junta, através do IGAPE, com 70 milhons de pesetas. As beneficiárias som as sociedades mercantis INASUS, Ibérica de Conformados e Pumade.

2000. A Guarda Civil investiga a tentativa de assassinato do conselheiro. O sicário contratado por Martínez Nunes, Wolfrang Pérez, para sabotar empresas da sua competência no Berzo, relacionado também com a tentativa de assassinato de Cuinha, aparece morto.

06/2000. A viuva de Wolfrang Perez apresenta manuscritos que implicam o seu homem na trama contra o Conselheiro e declara: "o meu marido morreu por nom ter querido matar Cuinha".

09/2001. O jornalista Manuel Rico denuncia a violaçom da Lei de Incompatibilidades. O conselheiro possui 16% das açoms do grupo empresarial familiar que factura 48 milhons de euros por ano.

16/01/03. Cuinha é demitido após comprovar-se que empresas da sua propriedade vendêrom material para recolher piche do Prestige. Os dirigentes populares culpam Xesús Palmou, Secretário Geral do Partido na Galiza de ter "atraído" Cuinha e de "se ter submetido aos ditados do PP de Madrid".

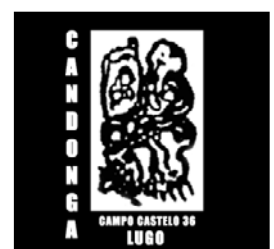
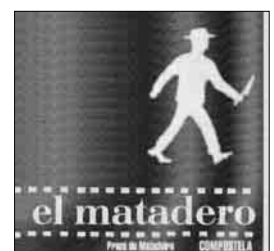
17/01/03. As empresas TECONSA e PROINSA do Holding de Martínez Nunes celebram a sua convençom anual no Grande Hotel de Lugo, um dia depois da queda de Cuinha.

20/01/03. Cuinha tenta promover umha rebeliom, dirigida da sua casa em Lalim, de presidentes de câmara afins e dirigentes do PP contra Palmou.

22/01/03. José Luis Baltar ordena ao seu filho José Manuel Baltar Blanco e a quatro parlamentares ourensanos que protagonizem um protesto perante Fraga. Assim acontece. Exigem de Aznar e do presidente da Junta a destituiçom de Palmou como Secretário Geral do PP da Galiza. No mesmo dia, Palmou assegura: "comprometo a minha palavra: nom houve nenhum tipo de armadilha para acabar com Cuinha".

01/04/04. Cuinha manifesta: "quem vai a 300 à hora em política, pode acabar na sargeta, mas da sargeta também é possível sair".

24/05/04. Inicia-se em Ponferrada o julgamento contra Martínez Nunes polas sabotagens sofridas por duas empresas da concorrência. Relacionado com as sabotagens também figura o nome do sicário que apareceu morto após ter sido implicado na tentativa de assassinato de Cuinha.



O *Novas da Galiza* nasceu com o propósito de ocupar um lugar na informação alternativa desvinculada das dependências políticas e económicas a que está ligada a imprensa do nosso país. Nasceu para informar de outra forma, de outro ponto de vista, dando atenção a temas que nos interessam, muitos deles mal tratados pelos media politicamente correctos. Mas o NGZ também quer dar voz àqueles grupos ou indivíduos que desejam compartilhar informações, opiniões ou debates com todos os leitores e leitoras. O PELOURINHO é uma coluna levantada numa praça pública, onde outrora eram expostos os criminosos e as criminosas. O

PELOURINHO do NOVAS é, porém, para expor a tua voz à opinião pública. Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejais transmitir-nos qualquer inquietação, comentário ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ ou noutros meios, este é o teu lugar. Para fazeres uso dele envia o texto junto ao teu nome completo, localidade, número de bilhete de identidade, correio electrónico e telefone de contacto. NOVAS GZ reserva-se o direito de descartar as cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Tu tens a palavra... todos e todas te escutam.

O Pelourinho do Novas

Silêncio informativo sobre a ineficaz gestom do Provedor da Justiça

Dá nas vistas o vergonhoso tratamento informativo dado polos meios de comunicação à apresentação do Relatório 2003 do Provedor da Justiça, mais conhecido por Valedor do Povo. Apesar de os jornais e rádios do nosso país terem recebido no mesmo dia desta apresentação uma análise que chamava a atenção sobre vários pontos negativos da gestom desta instituição, estes mesmos meios têm-se limitado a louvar o trabalho de José Ramón Vázquez Sande, mesmo quando a gestom dele supujo uma diminuição das queixas, que passaram de 2656 em 2001 a 1635 em 2002 e a só 1307 em 2003. Apesar de este facto vir a demonstrar uma falta de confiança crescente por parte dos cidadãos e cidadãs nesta instituição, a questom foi minimizada polo meios de comunicação. Foi oculto o facto de o Provedor da Justiça nom ter aceiteado denúncias que depois, quando formuladas perante o Provedor da Justiça espanhola, sim fôrom aceites,

sendo que o lógico teria sido que o Provedor da Justiça galega as tivesse remetido directamente, enviando-as a Enrique Múgica. Também foi oculto o facto de que várias denúncias que vulneram claramente o Título I da Constituição nom fôrom expedidas porque o Provedor da Justiça se considerou incompetente para as remeter enquanto realizava outras actividades que fugiam claramente às suas competências, como a abertura de uma conta para os danificados e danificadas pola crise do Prestige em que fôrom depositados 600 000 €. A falta de iniciativas por parte da Provedoria da Justiça para realizar inquirições sobre eventuais direitos vulnerados aos cidadãos e cidadãs também foi oculta, e estas investigações só atingem 1% das indagações realizadas, tratando muitas delas sobre temas tam leves como o facto de, nas ruas de uma urbanização, ter faltado a numeración dos prédios. Gostava de lembrar que o Título I da Constituição é

muito amplo (46 artigos em total) e fala do direito a uma informação verdadeira, do direito ao honor, do direito à tutela judiciária, do direito a manifestar-se, do direito de reunião, do direito à liberdade de expressom, etc., direitos vulnerados polas administratons e denunciados polos cidadãos e cidadãs sem que, na data de hoje, tivessem merecido uma atençom clara por parte do Provedor da Justiça, que por enquanto se tem interessado, nomeadamente, por questons de urbanismo (40% das queixas). Por tudo isto, e sobretudo polo direito a receber uma informação verdadeira e contrastada, assim como pola liberdade de expressom, gostaria que os meios de comunicação mostrassem um pouco mais de imparcialidade e oferecessem todos e cada um dos diferentes pontos de vista quando, como acontece neste caso, existem.

Xosé Renato Núñez da Silva
Teu, Compostela

análise

Pontos de encontro: asociacionismo na BD galega

Germán Hermida

Do mesmo modo que em tantos outros ámbitos da açom social galega, a banda desenhada no País caracterizou-se durante anos por uma incapacidade organizativa aparentemente crónica. Apesar de a criação de colectivos de abrangimento local, articulados ao redor da edição de qualquer fanzine, ter sido inevitável por razons prácticas, a escassa difusom das diferentes iniciativas e mesmo a rivalidade entre propostas impediu que estes movimentos cristalizassem a nível nacional. Unicamente o fanzine "Valiumdiez", dirigido em Compostela por Fausto Isorna em meados dos anos oitenta, conseguiu integrar boa parte dos autores que na altura trabalhavam na Galiza. Em 1989, o colectivo "Frente Comixário" de Ourense substituiu "Valiumdiez" nesta liderança. A revista deste grupo ourensano viu passar polas suas páginas a prática totalidade de autores e autoras do País, contando com uma distribuição a nível nacional nunca vista até entom. O colectivo organizou, pouco antes da sua morte e sem êxito, a primeira assembleia de autores e autoras galegas de BD, com a qual pretendia tornar efectiva a criação de um movimento nacional de criadores e criadoras da nona arte. Logo depois da desapareçom do grupo começou uma nova etapa de atomizaçom no panorama, que duraria quase dez anos. No ano 2001 a BD galega viu nascer dous novos projectos que invertêrom esta dinâmica. Na

Corunha, o colectivo Polaqa nasceu com o propósito de publicar os seus autores e autoras com uma qualidade realmente profissional. Começãrom com "Mmmh!!" um álbum de histórias mudas. Ao grupo original de cinco autores (Kike Benlloch, Alberto Vázquez, Jano, Bernal e David Rubín) que se autoeditavam, fôrom somando-se, com a passagem do tempo, outros criadores e criadoras como Enma Rios ou os irmaos Hugo e Sérgio Covelo, que colaborãrom em diferentes iniciativas até que no ano 2003 nasceu a revista "Barsowia" que reunia trabalhos de muitos dos autores já referidos ao lado de outras colaboraçons, e que continua a sua caminhada. Também em 2001 apareceu "BD Banda", revista que aspira, semelha por enquanto que com bastante sucesso, a ser a revista da BD

Galega. Polas suas páginas temos desfilado boa parte dos autores e autoras do País. O conselho de redaçom da revista conta com membros nas principais cidades da Galiza e entre os promotores do projecto só há um desenhador (Kiko da Silva), algo que fai com que esta publicação seja um caso estranho na história da banda desenhada galega. No entanto, foi a catástrofe do Prestige o que acabou por impulsar um movimento unido na nossa BD. A partir da participaçom de Manel Cráneo e de Kike Benlloch na assembleia fundacional da Plataforma contra a Burla Negra, começou a articular-se o Colectivo "Chapapote". O grupo organizou uns setenta autores e autoras do País, que pugêrom a sua criação gráfica ao serviço do povo na luta contra o piche e a incom-



"Pangirl", por Paula e Crego

Golfino

petência. Exposições, cartazes, açons na rua ou trabalhos de desenho gráfico para movementos como Nunca Mais ou a Burla Negra situãrom pola primeira vez a BD à mesma altura que o resto dos campos creativos e surgiu com uma capacidade organizativa nunca vista antes no sector. Paralelamente a este movimento, o ilustrador Óscar Villán trabalhava na revitalizaçom da praticamente inactiva Associaçom Galega de Profissionais da Ilustraçom. Este processo culminou em Junho de 2003, quando uma grande maioria de autores de BD do País entrãrom para formar parte dela, substituindo a anterior junta directiva. Este colectivo iniciou entom uma nova época, contando de novo com uma activa lista de correo e desenvolvendo diferentes iniciativas que ainda estãrom em boa medida por concretizar.

A Peneira fai vinte anos

Do *Novas da Galiza* queremos parabenizar o periódico comarcal A Peneira no seu vigésimo aniversário, desejando-lhe uma longa e frutífera vida como publicação galega e independente. Esta publicação foi desde o seu nascimento um espaço aberto à participaçom e à difusom dos diversos colectivos sociais, culturais e políticos, um autêntico referente para os sectores conscientes e acti-

vos da comarca do Condado e os arredores. A Peneira é um exemplo de resistência no tempo frente a numerosas dificuldades e pressons, sobrevivendo com escassos recursos, mas com grande perseverância e ilusom. Neste número do *Novas da Galiza* celebramos o aniversário e aguardamos que iniciativas como A Peneira se espalhem por todas as comarcas do País.

letras galegas

O galeguismo de dom Joaquim Lourenço

Marcos Valcárcel

Dom Joaquim Lourenço (1907-1989), a figura a que se dedica este ano o Día das Letras Galegas, foi um dos nossos mais importantes etnógrafos e um intelectual que nos achegou realizações importantes noutros campos do saber (arqueologia, museologia, língua, literatura popular, etc.). Foi membro da geração do Seminário de Estudos Galegos e, por motivos de idade e cronologia, foi também, em boa parte, o responsável por guardar o fio da memória que vinha da Geração Nós, da qual se considerava só um modesto discípulo. Ambas as gerações -Nós e o Seminário de

em Ponte Vedra neste momento), Roberto Branco Torres ou Alfonso V. Monjardín. Em Agosto de 1930 o directório da Irmandade Galeguista de Ourense estava formado por Vicente Risco como presidente; Florentino Lopes Cuevillas e Angelo Martins do Val como vice-presidentes; Afonso Vasques Monjardín como secretário; Isaac Forneiro Barandilla como tesoureiro e os irmaos Joaquim e Xurxo Lourenço Fernandes como vogais (La Zarpa, 3-VIII-1930). Neste momento havia grupos activos da Irmandade, para além do da própria capital, nas vilas de Celanova e na Rua de Val de Orras. Este embriom de partido político, muito centrado ainda na activi-

Pretendia a criação de uma cultura orgulhosa de si própria, com raízes na Terra

dade cultural, tirou à rua, desde Outubro desse ano, o seu semanário Heraldo de Galicia, porta-voz dos galeguistas até o início da guerra civil, que estava dirigido polo jornalista Ricardo Outeirinho (poucos anos depois, em 1932, director de La Región). Deveu ser este o único momento da sua vida em que Joaquim Lourenço aceitou ocu-

ter algum tipo de cargo político, aliás, por um período muito breve de tempo, pois sabemos que já em Janeiro de 1931 se reformula a directiva da Irmandade e desaparecem dela os irmaos Lourenço, enquanto continua Risco como presidente e entram novos nomes como Eleutério Gonçalves Salgado, Inácio Herrero e o poeta Manuel Luís Acunha.

Chegada a Segunda República, encontramos Joaquim Lourenço, em coerência com todo o grupo ourensano, subscrevendo o manifesto fundacional do Partido Nacionalista Republicano de Ourense, que presidia Ramon Outeiro Pedraio e no

qual militáram igualmente Vicente Risco, Cuevillas, Pena Rei, etc. Com esta plataforma, o galeguismo ourensano situa nos Paços do Concelho o primeiro vereador nacionalista da história local, o mestre Eleutério Gonçalves Salgado, e pouco depois Outeiro Pedraio no Parlamento espanhol, servindo-se para isso de diferentes coligações com os republicanos e os socialistas. O programa do PNRO era nidamente nacionalista e defendia quatro pontos básicos, assim reflectidos: "1. República federal espanhola, que leva consigo a autonomia do Estado galego, sob a soberania do Estado espanhol. 2. O poder autónomo galego deve encarregar-se de todos os serviços, tirando os seguintes:



Todo o labor de Xocas em prol da nossa cultura estivo sempre guiado polo impulso ético de construir a nossa pátria a partir do terreno que ele considerava mais ajeitado às suas inquietações

Representação diplomática e consular; defesa do território nacional, exército e marinha; ordem pública; justiça criminal e regime penitenciário; caminhos-de-ferro, correios e telégrafos; monopólios de carácter geral e alfândegas, culto e clero. Estes serviços, como próprios da soberania do Estado, ficam a cargo do Poder Central. 3. Cooficialidade dos idiomas galego e castelhano. 4. A terra para quem a trabalha, como ideal para a resolução do problema agrário." (Heraldo de Galicia, Ourense, 20 Abril de 1931).

A guerra frustrou todas aquelas esperanças e o impulso das pessoas que as tinham feito possíveis. A reorganização do "galeguismo histórico" no interior, desde os anos 50,

vai-se produzir limitada à frente cultural e ao redor da Editorial Galáxia. Dom Joaquim Lourenço estivo fielmente embarcado nessa caminhada até o fim dos seus dias e, chegada a transição democrática, em múltiplas entrevistas repetia que o seu partido de sempre tinha sido o Partido Galeguista e que essa era a sua militância para o resto da vida. Aliás, assinou vários manifestos do galeguismo histórico a favor do Estatuto de Autonomia ou pola unidade dos partidos nacionalistas nas eleições autárquicas. Quando se lhe perguntava polas suas ideias políticas ou económicas, repetia, com a mesma fidelidade, os eixos básicos do pensamento galeguista anterior a 1936: por exemplo, a necessidade de umha política económica que favorecesse a industrialização agrária e piscatória, sem estragar as condições naturais do País, ou a necessidade de dar cabo dos incêndios florestais ou a defesa da proximidade cultural entre a Galiza e o norte de Portugal. Eram as ideias chave aprendidas antes da guerra no seio do Partido Galeguista. Nos seus últimos anos, o protagonismo político de dom Joaquim Lourenço foi muito escasso e mesmo se poderia afirmar que tinha umha "incapacidade seráfica para entender às direitas nada que tivesse a ver com a política, o qual é umha prova inequívoca da falta absoluta de qualquer intuito malicioso", tal como escreveu em 1983 Carlos Casares. O seu terreno era outro: o galeguismo cultural, a criação de umha cultura orgulhosa de si própria que plantasse as suas raízes na própria Terra, sem rejeitar os contributos mais valiosos de outros povos e culturas, sem recusar-se tampouco a assumir a modernidade nos seus aspectos mais fecundos. E foi nesse campo onde o seu labor adquiriu maior valia intelectual e onde nos deixou um legado que deve ser relembrado polas novas gerações da Galiza de hoje.

COPISTERIA T44
 Fotocopias • Papelería
 Encuadernacións • Planos
 Fax • Cartéis • Tarxetas
 Tesis • Tesifinas
 Impresión dixital e laser
 R/ San Roque 31 B. T-Fax: 981 566 896
 R./ República Argentina 44 B. T-Fax: 981 592 626
 SANTIAGO

RENOVAÇÃO
 EMBALADA GALEGA
 DA CULTURA
 embgalega@hotmail.com
 monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
 Rua Real, 32
 Apdo. 287 - 36200 VIGO

CASA DAS CRECHAS
 Via Saera, 3 - 15704 Compostela
 info@casadascrechas.com

ARTABRIA
 Rua Madalena, 31
 C.P. 15402 Ferrol
 GALIZA

portal galego da língua

Novidades Lusófonas na Biblos

PGL

O clube de leitores e leitoras galego, Biblos, acabou de assinar acordos com as importantes editoras portuguesas Dom Quixote e Caminho. Entre as edições que oferecerão a quem for assinante destaca uma biblioteca fundamental de literatura. Durante um ano, cada bimestre serão oferecidos dois autores ou autoras da Dom Quixote, editora que recolhe uma boa selecção de penas do país vizinho.

Vem a lume traduções em galego-português de um livro sobre a figura de António Gramsci

PGL

Com o objectivo de dar a conhecer o pensamento dialéctico de António Gramsci relacionado com o papel da cultura na sociedade civil, e ainda para comemorar o centenário (1891-1991) do nascimento deste grande pensador, o educador e escritor venezuelano Carlos Mezones escreveu "Educação e Cultura em Gramsci", publicação que desde já pode ser lida na versão galego-portuguesa traduzida por Mário J. Herrero Valeiro.

Construindo o activismo limiao

Juventude pola autodeterminação

O dia 1 de Novembro de 2003 constituiu-se a Associação da Juventude pola Autodeterminação da Límia, J.A.!! , cujo objectivo é a criação dum movimento juvenil na Límia comprometido com a libertação nacional e a transformação da sociedade.

A Juventude pola Autodeterminação, consciente da situação da Límia, defende a cultura e língua galega nesta comarca, além de reclamar o reconhecimento jurídico-político de Galiza como nação e o seu legítimo direito de livre determinação.

Ponte... nas ondas! Já na X edição

Esta Xª edição mostrou a viveza e a presença da cultura imaterial mais próxima às escolas

PGL

Desde 1995 um grupo de professores e professoras da Galiza e do Norte de Portugal vêm realizando uma experiência educativa que visa, através de uma jornada de rádio elaborada pelos alunos e alunas das escolas participantes, mais um ponto de união entre a Galiza e Portugal. Esta experiência de rádio inter-escolar atingiu já a X edição no passado dia 7 de Maio.

Esta décima edição mostrou a viveza e a presença da cultura imaterial mais próxima das escolas. Esta proximidade esteve ligada à apresentação da Candidatura do Património Imaterial Galego-Português, um património comum vivo, evolutivo e transfronteiriço. O projecto "Ponte... nas Ondas" tem sido reconhecido por múltiplas instituições.

Várias estações de rádio da Galiza e Portugal, das Câmaras Municipais dos Concelhos próximos, gente do mundo da cultura e, ainda, a Companhia Telefónica de Espanha, que fornece a infraestrutura técnica para a emissão, colaboram numa experiência que nos últimos anos também pôde ser ouvida através da Internet, aproximando desta maneira escolas, professorado e personagens da cultura



O projecto "Ponte... nas Ondas" tem sido reconhecido por múltiplas instituições

**"Ponte... nas ondas!
é uma ponte de
comunicação entre
jovens, professorado,
jornalistas e gente
da cultura**

ra de diferentes países, como a França, Holanda, Finlândia e permitindo, nomeadamente, a incorporação da "área linguística mais próxima", como as escolas do Brasil ou Moçambique.

Como referenciam no seu web na Internet "PONTE...NAS ONDAS!" é uma ponte de comunicação entre jovens, professorado, jornalistas e gente da cultura, que podem comunicar numa língua comum a partir da sua realidade social, educativa e cultural, compartilhando uma experiência multicultural".

"Longe, tão perto", estreia literária em prosa de Kike Benlloch

PGL

O corunhês Kike Benlloch acabou de ver publicado o seu livro de contos "Longe, tão perto", com 16 histórias, que supõem a sua estreia como escritor em prosa, acompanhadas de fotografias de Brais Rodríguez.

O livro faz parte da colecção "Criação" da AGAL, e da colecção "Vento do Sul" da editora Laiovento, que mais uma vez publica de parceria com a Associação Galega da Língua.

Kike Benlloch desenvolve a sua actividade em diferentes campos. Tem trabalhado como redactor para muitos meios electrónicos e como produtor para culturagalega.org, o portal da Internet do Conselho da Cultura Galega.

GZe-ditora publica conclusões do "I Fórum da Língua"

PGL

A editora de e-books da AGAL, GZe-ditora, volta para trazer-nos as conclusões do "I Fórum da Língua", que decorreu em Compostela no passado dia 28 de Fevereiro, sob a organização do MDL, e com a participação de praticamente todo o reintegracionismo galego. Subordinado ao título "Um espaço para o debate sobre a situação actual e as estratégias de futuro do reintegracionismo. Conclusões do Fórum da Língua" apresenta as análises de actuação realizadas em cada uma das palestras e as propostas de actuação futuras.

Campanha procura aumentar massa associativa agálica

O objectivo é tornar mais forte o reintegracionismo

Conselho da AGAL

Nos últimos anos a AGAL e o reintegracionismo todo passaram por momentos em que a sua força e presença social foram mínimas, beirando o desaparecimento. Mas há já algum tempo, a associação iniciou um novo caminho de reorganização e fortalecimento. Um dos primeiros frutos desse trabalho é o Portal Galego da Língua. Posteriormente iniciou-se um processo de formação de grupos locais, com grupos que já funcionam em cidades como Ourense, Compostela, Lugo, Corunha ou Vigo. Além disto tam-

bém foi retomada a iniciativa editorial com sucesso.

Nesta nova etapa da AGAL o Conselho é consciente de que a presença pública e a força do movimento de normalização reintegracionista dependerá directamente do número de pessoas envolvidas nele. É por isso que se considera muito importante que todas as pessoas que somos polo reintegracionismo podamos trabalhar juntos e juntas para avançarmos para a sua consecução. A plena normalização da língua dependerá do trabalho de todos e todas nós.

Com esta ideia lança-se a campanha "Associa-te à AGAL e ganha liv-

ros". Umha campanha que convida todas as pessoas interessadas a se associarem à AGAL e conseguirem livros editados pela associação. Entre outros, obras de Guerra da Cal, Carvalho Calero, João Guisán ou Joel R. Gómez. Para além disto, as sócias e sócios da AGAL têm direito a um desconto de 30% nas publicações da associação e a um endereço de correio-e pessoal oteu-nome@agal-gz.org

Para obter mais informações sobre a campanha pode escrever para o apartado dos correios 453 de Ourense ou para o endereço de correio-e info@agal-gz.org.



música

FESTIVAL IFI

O festival celebrado os días 6, 7 e 8 de Maio em Ponte Vedra demostrou que o público demanda cultura muito afastada do inferno da Operación Triunfo

Davide Loimil e Inácio Gomes

Pensamos que nom estamos a dizer nenhum disparate se afirmamos que umha grande parte das propostas artísticas, digamos antes musicais, que se organizam na Galiza tenhem umhas eivas determinadas mesmo antes de nascerem e serem concebidas: a falta de imaginação, variedade e o próprio medo a afastar-se de determinados convencionalismos. A organización do Festival IFI celebrado nos días 6, 7 e 8 de Maio na cidade de Ponte Vedra demostrou que o público galego está a reclamar umha outra cultura, muito afastada do inferno da Operación Triunfo, mas também do inferno da "gaita-pandeireta-pandeireta-gaita". Suponho que todo o mundo sabe de que estamos a falar... e por isso queremos dar a conhecer nestas páginas o que se passou durante essas três jornadas, concentrando-nos na vertente musical.



Dj Rupture estivo presente no Festival IFI de Ponte Vedra

Tendo Lambchop e Explosions in the Sky como pequenas estrelas, a oferta completou-se com pessoal como Dj Rupture e Console. Já na quinta-feira o grupo escandinavo Cleaning Women surpreendeu toda a gente com o seu jazz-cabaré futurista executado com instrumentos de fabrico próprio, mas foi na sexta-feira que tivemos a oportunidade de desfrutar pola primeira vez no nosso país dessa maravilhosa banda de Nashville

chamada Lambchop, ainda que para curtir com ela tivéssemos de sofrer antes esse par chamado Niza, um casal insulso como nenhum outro, devedor nos seus textos do discurso elegante e simples de Le Mans, aqui oferecido com vestes semielectrónicas e sem graça, sem atitude, sem credibilidade... Custa a acreditar que fosse, como explicou a frágil vocalista no fim do concerto, convidado pola própria banda Lambchop. E, chega-

do este ponto, foi dentro o público que começaram a sair comentários altissonantes do tipo "...isto já é umha outra cousa" ou "...isto sim é umha banda", para nos apresentarem Lambchop, desta vez oito em cena, com esse engendro de duas caras que é "Aw c'mon"/"No, you c'mon" sob o braço. Com a sala cheia, mostrando-se encantados com a comida autóctone e um recebimento se calhar inesperado, dérom um recital desses que

cheiram a clássicos constantes, revisando quase completamente a sua última obra e fechando com umha inesquecível sucessom de temas com maiúsculas: "The man who love beer", "Soaky in the pooper" e "Is a woman", todos eles de discos anteriores (vaiam, por favor, até "What another man spills", "I hope you're sitting down" ou "Is a woman") tridente selecto para resumir umha carreira de maos dadas com emoçom e a honestidade.

**Com a sala cheia,
um recebimento se
calhar inesperado,
dérom um recital
desses que cheiram a
clássicos constantes**

Alto minho
associação cultural

Rua Catassol, nº15 - Apdo 289 Lugo
alminho@25.org # www.25.org/alminho

TABERNA
LA BARRIKA

ESPECIALIDADE EN PINTXOS

Rua San Pedro, 21
Santiago de Compostela
Tel: 981 58 03 09

Cervexaria

Capitán Eloy, 17 • Tel.: 23 93 00 • OURENSE

Centro Social

**Henriqueta
Outeiro**

COMPOSTELA
Quiroga Palacios, 42 (rés do chao)
☎ 981 563 286

A Peneira

Xornal Galego
de Información Xeral

www.apeneira.com

la entrevista | Michael Collon

"O mundo é umha guerra entre ricos e pobres, e a informação também"

F. Marinho

A 20 de Abril inaugurava-se o curso "Guerra e Informação" organizado na Universidade de Santiago de Compostela. A abertura nom pudo ser mais espectacular e sorprendente para os amadores e amadoras do jornalismo alternativo. Nesse dia, Michel Collon, autor reconhecido polo seu livro 'Olho com os Media', dirigiu um colóquio sobre os seus trabalhos à volta das guerras da Jugoslávia e do Iraque.

Qual a sua opinião acerca da formação dos jornalistas nas faculdades?

Bem, eu nom sou jornalista de formação académica, nem de universidade nem de escola especial, como setenta por cento dos jornalistas da minha geração. Mas acho que, na verdade, a maioria das faculdades de Ciências da Comunicação sofrem umha enorme pressão por parte dos grandes poderes económicos e políticos para a formação de soldados.

Entom, está a falar da formação de pessoas servis ao sistema, aos interesses económicos?

Nom, nom. Eu falo, como já dixem nas conferências, de que há muitas classes de escolas de jornalismo. No entanto, a maioria preparam soldados da informação nos seus planos de estudo. Umha minoria prepara jornalistas críticos, com possibilidade de decidir o que é que tem importância na hora de informar. Como dixem antes, o mundo é umha guerra entre ricos e pobres, e a informação também é.

Entom, podemos falar da informação como umha mercadoria?

Podemos, é isso. Nom penso que isto seja algo novo, porque o jornalismo foi sempre umha indústria. Mas, na verdade, tem vindo a intensificar o seu carácter mercantil.

Nos media actuais, a imensa maioria dos e das jornalistas sofrem umha situação de proletarização da informação. Qualquer jornalista de hoje em dia já nom é umha personagem como Tintim, que viaja polo mundo para investigar e conhecer segredos. Noventa e cinco

por cento dos e das jornalistas apenas transformam matérias primas. Os boletins das agências de imprensa som essas matérias primas.

Com o controle das quatro grandes agências de imprensa (AP, UIP, AFP e Reuters) sobre a informação mundial, o papel dos e das jornalistas é o de transformarem esses boletins em notícias breves para a rádio, a imprensa e a televisom, mas sem nenhum trabalho prévio de investigação. Sem tempo para investigar, porque investigar é caro.

Porque era a Jugoslávia tam desejada pelas multinacionais?

Havia dous motivos. O primeiro era que a Jugoslávia supunha um mal exemplo com a sua legislação laboral, o sistema de autogestom e as limitações legais que encontravam as multinacionais.

Para além disso, também podemos referir os corredores energéticos, como bem explicou o general Jackson (chefe das tropas da NATO na Macedónia no ano 1999). Estes corredores eram também um exemplo da rivalidade entre Washington e Berlim.

Qual o motivo polo qual estados europeus como o espanhol se aliaram aos EUA?

A Gram-Bretanha depende muito das suas exportações de capital, muito mais do que outros países. Também existe umha aliança tradicional entre a classe dirigente britânica com a dos EUA, para a defesa dos interesses económicos comuns. Quem tinha contratos importantes com o Iraque? A França. Quem é o sócio número um do Irã? A Alemanha. Quando Bush organiza o ataque contra o Iraque, é um ataque contra os interesses alemães e franceses.

A posição que adoptárom estados como o espanhol ou o italiano é um problema a nível europeu. Europa tem interesses contrários aos dos Estados Unidos, interesses numha aliança. Devêrom ser muitas as deliberações das classes dirigentes de outros países para saberem o que era melhor para a defesa dos seus interesses.

Sobre a intervenção espanhola, isso deve-o responder o Estado espanhol. Bush prometeu umha parte do petróleo do Iraque a



Repsol. As multinacionais espanholas, aliás, comprárom empresas na América Latina aproveitando a crise económica de países como a Argentina. Os interesses na América Latina som muito importantes, e por isso o Estado espanhol necessita de um exército para os manter. Naturalmente, para isso está o exército estado-unidense.

No seu artigo "Dividamos o Iraque em três partes", dizia que esta era umha proposta apresentada por Israel no ano 1982. Pensa que se está a avançar com o referido argumento?

Está, sim. É o modelo de divisom étnica dos países e das regiões: divide e vencerás. É um modelo aplicado ao povo palestino, e também ao povo sérbio no Kosovo. Isto pom em causa os estados etnicamente puros, que é umha atrocidade, a justificação de todos os processos de limpeza étnica.

Continua a pensar que a intelectualidade europeia está paralisada?

A intelectualidade nom é um mundo à parte. Está submetida aos mesmos interesses e às mesmas ideologias dominantes. E se eu digo que o mundo se divide a cada vez mais entre pobres e ricos, a intelectualidade também tem que escolher ali onde puder. O problema é de

representatividade e isso fai com que dê umha impressom determinada, porque cada intelectual que vemos em qualquer momento na televisom nom é representativo ou representativa da intelectualidade toda. A cultura também é um mercado, e assim, quem quizer ser um famoso ou famosa escritora, por exemplo, deve empregar umha linguagem acorde com o sistema.

Nesse sentido, os meios de comunicação som vítimas do sistema?

Nom, porque quando reparamos nos conselhos de administração dos meios de comunicação, encontramos representantes de grandes multinacionais com interesses em qualquer sector industrial. O grande exemplo: Berlusconi na Itália. Assim, os media nom som vítimas, porque quem os chefia nom é tam boa gente como se pensa.

A minha conclusão sobre isto, que aparece no livro de dous jornalistas intitulado 'As mentiras dos Media', é que nom devemos cair na falsa ilusom de que o sistema será reformado ou que mudará para melhor. Devemos ter cuidado quando nos dizem que a informação é um presente, um obséquio. A informação é cousa de todos e todas. Estes autores afirmam que todos somos jornalistas, cada um de nós pode recolher informação de qualquer lugar ou fonte.

Meninos do coro

Kiko Neves

Outra vez a mentira. Contra as campanhas de informação orquestradas através do poder, o jornalista Michel Collon reclama construir informação alternativa através dos meios de comunicação modernos (Internet, sms, etc.). "Globalizemos a resposta", diz. No entanto, nem sempre é fácil apontar ao alvo. O eleitorado do Estado espanhol, cansado de enganos, respondeu com o voto ao PSOE. "Era boa!", há quem ironize. A vanguarda dos protestos dos últimos anos, a esquerda alternativa e independentista, regressa para o acampamento base com o sorriso parvo dos ciclistas gregários. A massa manifestante, sempre disposta ao "karaoke" das palavras de ordem, cumprimenta o campeão com um infantil "nom nos decepciones". Um passo à frente, dous passos atrás. Já sabemos. Entom, cumpre voltar a caminhar pola velha corredeira das estratégias desestabilizadoras. De dia para dia somos menos. Enlameado com o possibilismo pós-moderno, o BNG apanha, finalmente, as autoestradas de portagem no elegante carro da burguesia basca e catalá. Quer dizer, a circular pola direita e sem incomodar. Esquece, claro, qual a obrigação dos peons: na estrada, sempre pola esquerda. A parafernália dos hemiciclos semelha a dos altares das catedrais. Ao cabo, os deputados gastam as energias em genuflexões. Assim, o Bloco sucumbe ao isco e luta por um espaço nas belas fotos de fato escuro e gravata. Os meninos do coro que ajudam os padres a repartir as rodas de moinho. Daí, cuidam, só podem subir na hierarquia. Ao fim, é boa nova: a velha corredeira despeja-se de entraves. E de mentirosos.